

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUCSP

Ana Carolina Santos do Amaral Lima

Uma Revisão de Literatura sobre questões raciais voltada para a negritude pela
abordagem da Análise do Comportamento.

Mestrado em Psicologia Experimental

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUCSP

Ana Carolina Santos do Amaral Lima

Uma Revisão de Literatura sobre questões raciais voltada para a negritude pela
abordagem da Análise do Comportamento.

Mestrado em Psicologia Experimental

"Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de MESTRE
em Psicologia Experimental" sob a
orientação do(a) Prof.(a),Dr.(a) Maria Eliza
Mazzilli Pereira

São Paulo

2020

Banca Examinadora

Agradecimentos

Como apontado diversas vezes pela Doutora em literatura africana Aza Njeri, em diferentes palestras e comunicações, o processo da educação é significativo para “acender o sol da humanidade” daqueles que são iniciados nele. O meu processo de “acendimento do sol” foi marcado por diversas pessoas que, apesar de não necessariamente serem Ndezi¹, foram responsáveis por me guiar, me ensinar, me apoiar ou apenas ser aquela presença que indica que logo mais chega um novo dia, um novo começo, e que vai ficar tudo bem.

Agradeço ao meu tio Marcos por ter investido e acreditado no sonho do mestrado. Por ser um modelo de que é possível sim voar perto do sol com as asas que construímos juntos, fazendo nossa própria versão do mito de Ícaro. Agradeço aos meus pais: Marisa Santos, Manoel Junior e Reginaldo Lima que, cada uma sua maneira, contribuíram para acender o meu sol, seja com suas palavras, apoios no meio da madrugada ou a certeza de que investir na minha educação não seria tempo perdido. Agradeço aos meus avós: Doroti Amaral, Florentino Santos e Laudicéia dos Santos (em memória), por serem meus ancestrais e abrirem o caminho no mundo para que hoje eu fosse a continuação de uma história que começou muito antes de mim. Agradeço aos meus irmãos Heloísa Lima e Lucas Passos, por serem sempre um lembrete de que nada do que eu faço é apenas por mim, é por vocês também.

Agradeço às minhas Ndezi que diretamente acenderam o meu sol, me deixando mais próxima da humanidade. Que passaram seu conhecimento, ensinando, modelando e acreditando na minha potência. Obrigada Maria Eliza Mazzilli, a melhor orientadora que eu poderia ter. Sua sabedoria, calma, sensibilidade e humildade muitas vezes foram o que me mantiveram firme dentro dos desafios da pós-graduação. Obrigada Paola Almeida e Táchita Mizael, por aceitarem meu convite para a banca, por serem tão cuidadosas e precisas nos apontamentos, e por fazerem parte da escrita de uma nova história dentro da Análise do Comportamento. Agradeço também aos suplentes Adriana Fidalgo e Marcos Azoubel por também aceitarem fazer parte desse processo.

Obrigada aos amigos que acreditaram e apoiaram todo o processo, seja numa presença real ou virtual. Por acreditarem em mim e serem um ponto de apoio. Daiane Cunha, Marina Caetano, Elaine Mello, obrigada por serem minhas parceiras de vida! Obrigada Roberta Stein por fazer parte desse processo, trazendo a vida todas as imagens desse trabalho. Obrigada Estela

¹ Educadores; Agentes “acendedores de sóis” Njeri, A. (2020). A escola acende o sol da humanidade? Recuperado em: <https://www.gabyhaviaras.com/blog-ponto-posts/https/wwwgabyhaviarascom/-/blog-page-url/-/2018/2/23/-/new-post-titlea-escola-acende-o-sol-da-humanidade>

Marinotti por me ajudar com a tradução do trabalho, deixando-o ainda mais completo.

Agradeço também, ao amor maior que encontrei para dividir minha caminhada na terra, André Marinotti. Agradeço por ser minha família, meu ponto de equilíbrio, por acreditar no meu potencial, muitas vezes bem mais do que eu mesma, por ser meu melhor amigo. Por dividir sua vida comigo e me fazer a pessoa mais feliz do mundo.

Obrigada a todos por fazerem parte dessa caminhada, por deixarem suas marcas em mim, por dividirem seus conhecimentos e história. Como diria Emicida, “Quem divide o que tem é que vive pra sempre”, saibam que, os aprendizados e trocas que tivemos ficarão vivos para sempre.

Obrigada!
Ana Carolina Lima

Resumo

A escravização transatlântica foi um evento devastador que foi imposto à população negra africana e que deixa marcas até hoje na população descendente daquela diretamente escravizada. O estado de Maafa caracteriza todo o processo de violência sofrida nesse período pela população negra em diáspora, incluindo eventos como desigualdade social, violência e racismo. A Análise do Comportamento conta com um acervo teórico e prático promissor para a compreensão das desigualdades presentes na sociedade, incluindo as questões raciais voltadas para a negritude. O objetivo da presente pesquisa foi mapear e caracterizar as produções em Análise do Comportamento sobre questões relacionadas à negritude. A busca do material foi realizada nas plataformas CAPES e Science Direct e, ao final do processo de seleção, 25 trabalhos que atenderam os critérios estabelecidos foram analisados, compreendendo pesquisas básicas, pesquisas aplicadas, pesquisas de revisão de literatura, estudos documentais e ensaios. O número de publicações ao longo dos anos variou muito, sendo que a maioria dos trabalhos se concentra entre os anos de 2000 e 2020. A presença feminina foi marcante na autoria dos trabalhos sobre a temática; já a presença de autores negros foi muito pequena, quando comparada à presença de autores brancos, sugerindo a falta de acesso a níveis superiores de formação por parte da população negra. A maior porcentagem dos trabalhos encontrados foi de pesquisa básica, categoria esta que também contou com os maiores números de participantes. A idade dos participantes tende a ser menor nas pesquisas aplicadas e maior nas pesquisas básicas, assim como o nível de escolaridade. Grande parte dos trabalhos encontrados foi publicada em língua inglesa, com população europeia ou estadunidense. Percebe-se a importância da replicação desses trabalhos com a população brasileira, a fim de se compreender a aplicabilidade dos métodos e das teorias já desenvolvidos em uma população latino-americana. A tradução dos trabalhos já realizados para outras línguas, além do inglês, tornará o conhecimento produzido mais acessível e democrático.

Palavras-chave: raça; negritude, população negra, revisão de literatura, análise do comportamento

Abstract

Transatlantic slavery was a devastated event imposed to african black people and leaves scars on the population descending from those directly enslaved. The Maafa state features all the violence process suffered by the diasporic black people, including events like social disadvantage, violence and racism. Behavior Analysis count with a promising theoretical and practical collection to comprehend the society imbalance, including racial questions turned to blackness. The aim of the present research was to map and characterize the Behavior Analysis productions about issues related to blackness. Search for material was made in the CAPES and Science Direct platforms and, at the end of the selection process, 25 issues that attended to the established criteria were analysed, reaching basic research, applied research, literature review research, documental issues and essay. The number of publications over the years have varied a lot, most of which was concentrated between the 2000 and 2020 years. The female presence was remarkable in the authorship of the works on the theme; on the other hand, the presence of black people in the authorship of the works was small when compared to the presence of white people in the authorship, suggesting the lack of access to high levels of education for black people. Most of works found were about basic research, the same category with most of participants. The participants' age tends to be smaller in applied research and bigger in basic research, just as the educational level. Much of the works found were published in english, with americans and europeans participants. It's clear the replication relevance of these works with the brazilian population, in order to comprehend the applicability of the methods and theories already developed in a latin american population. The translation of these works to other languages, beyond english, will make the produced knowledge more accessible and democratic.

KeyWords: race, blackness, black population, literature review, behavior analysis.

Lista de Ilustrações

Figura 1. Processo de busca, triagem e seleção dos trabalhos para a análise	24
Figura 2. Número de publicações sobre negritude e Análise do Comportamento por gênero dos autores da publicação	35
Figura 3. Raça dos autores das publicações selecionadas	35
Figura 4. Número de publicações sobre negritude e Análise do Comportamento por país da publicação.	37
Figura 5. Número de publicações entre a década de 1960 e 2010	41
Figura 6. Número de publicações entre os anos 2000 e 2020	41
Figura 7. Número de publicações por periódico entre os anos 1960 e 2020	42
Figura 8. Número de publicações por tipos de trabalho	47
Figura 9. Idade dos participantes das pesquisas básicas e aplicadas divididas de acordo com as fases do desenvolvimento	49
Figura 10. Gênero dos participantes distribuídos entre pesquisas aplicadas, pesquisas básicas e total de participantes	50
Figura 11. Raça dos participantes distribuídos entre pesquisas aplicadas, pesquisas básicas e total de participantes	51
Figura 12. Escolaridade dos participantes distribuídos entre pesquisas aplicadas, pesquisas básicas e total de participantes.	52
Figura 13. Número de participantes por tipo de pesquisa	53

Lista de Tabelas

Tabela 1. Dados dos trabalhos encontrados separados por título, nome do(s) autor(es), periódico de publicação do trabalho, ano de publicação e filiação do(s) autor(es)	27
Tabela 2. Raça dos autores das publicações selecionadas	33
Tabela 3. Número de publicações por instituição e país da publicação	36
Tabela 4. Número de publicações por periódicos	40
Tabela 5. Objetivo dos trabalhos classificados nas categoria Racismo/Viés Racial e Habilidades relevantes para o ambiente escolar	44
Tabela 6. Objetivo dos trabalhos classificados nas categorias Parentalidade da população negra e TEA (Transtorno do Espectro Autista)	46
Tabela 7. Medidas, forma de mensuração/registro do comportamento alvo da pesquisa aplicada	54
Tabela 8. Medidas, forma de mensuração/registro do comportamento alvo da pesquisa básica	55
Tabela 9. Principais objetivos e resultados das pesquisas aplicadas selecionadas	59
Tabela 10. Principais objetivos e resultados das pesquisas básicas selecionadas	61
Tabela 11. Trabalhos de revisão de literatura selecionados, palavras-chave e operadores booleanos utilizados, meio de busca utilizados	66
Tabela 12. Dados dos ensaios encontrados: título, objetivo, ano e país de publicação	71

Sumário

1	Introdução	11
1.2	Raça, Racismo e Preconceito	13
1.3	Análise do Comportamento e o Estudo do Preconceito e do Racismo	15
2	Método	22
2.1	Plataformas de Busca	22
2.2	Palavras de Busca	22
3	Resultados e Discussão	25
4	Considerações Finais	73
5	Referências	76

Um indivíduo passa a ser importante para outro ao fazer parte de seu ambiente (Skinner, 1953), podendo servir como um estímulo capaz de evocar respostas de outro indivíduo, trabalhando junto para a modificação do ambiente ou funcionando como mediador do reforço. Os benefícios dessa interação proporcionaram o crescimento de grupos de indivíduos que, ao longo da história, foram apresentando configurações sociais cada vez maiores e mais complexas. Para o estudo dessas configurações, surgem, então, ciências como Antropologia, Sociologia, Ciências Sociais e Economia. Tais ciências estabelecidas apresentam contribuições para a análise e possíveis soluções para os problemas advindos da complexificação dos grupos e das formas de controle implementadas pelos seus membros. Temas como o que causa e mantém as guerras, a organização da economia, questões ambientais, desigualdade social, de gênero, sexualidade, raça são questões frequentemente estudadas por essas áreas do conhecimento, a fim de entender e, possivelmente, minimizar o dano de determinadas consequências para o grupo. Tendo em vista que as questões apontadas são fruto de diversos comportamentos individuais e coletivos dos membros que compõem a sociedade, poderia, então, a Análise do Comportamento contribuir para esses estudos e intervenções relativos a mudança social?

Skinner (1953) compreende que o comportamento social pode ser estudado pelos mesmos conceitos e métodos desenvolvidos para estudar o comportamento individual, sendo possível a extensão da noção do comportamento operante para o estudo do comportamento dos membros de um grupo. Dessa forma, a Análise do Comportamento pode contribuir para a solução dos problemas encontrados em um grupo (Skinner, 1974; Holland, 1974; Holland, 1978).

Embora a Análise do Comportamento enquanto ciência tenha se formado com base em estudos realizados em ambientes controlados como o laboratório, que favorecem um maior controle das variáveis que influenciam o comportamento do indivíduo, foi possível, com essa base, desenvolver um aparato teórico e tecnológico para a alteração do comportamento que ocorre no ambiente fora do laboratório. A saída do laboratório para tratar de questões mais amplas do comportamento humano pode ter sido difícil para analistas do comportamento que participaram da construção da abordagem; entretanto, faz-se necessária, visto que a área possui uma tecnologia importante para a compreensão, previsão e intervenção nas contingências postas, podendo contribuir para a solução de problemas estruturais sociais vigentes que trazem malefícios a grande parte da sociedade (Holland, 1974).

Parte importante desses problemas é subproduto das formas de controle (em grande parte, coercitivas e punitivas) exercidas sobre o grupo por diversas agências, como as descritas por Skinner (1953): Educação, Governo e Lei, Economia e Religião. Como apontado por Skinner, o controle que o grupo exerce sobre os indivíduos pode ter como efeito benefícios para outros membros do grupo. Quando se analisa o que na atualidade pode ser considerado como grandes problemas sociais, de uma perspectiva de sociedade baseada nos direitos humanos, verifica-se que muitos são relacionados aos efeitos do controle de um grupo específico da sociedade sobre outro grupo (homens sobre mulheres, brancos sobre não brancos, ricos sobre pobres, heterossexuais sobre pessoas homossexuais, bissexuais e demais formas de sexualidades).

Holland (1974), analisando a sociedade ocidental capitalista, aponta como membros da sociedade que possuem controle sobre o grupo aqueles que possuem maior quantidade de riqueza acumulada e grandes corporações. É possível acrescentar nessa análise, privilégios diversos que os colocam de maneira a deter o poder de liberação ou não de reforçadores ou punições para os demais membros do grupo (e.g. definição e liberação de salários, permissão para entrar em certos lugares e acessar certos reforçadores, entre outros). Holland propõe que o papel do analista do comportamento está em ensinar seus conhecimentos e disponibilizar suas tecnologias para os membros da sociedade para que estes possam contracontrolar mais eficazmente o controle exercido por tais grupos e que trazem grandes malefícios para o grupo controlado.

Aos diversos eventos que ocorreram ao longo da história, e que determinaram formas desumanas, exploratórias e desiguais de relação e de controle entre grupos, como apontado por Holland (1974), é possível acrescentar como digna de nota a escravidão transatlântica. Esse fenômeno, que tem como pilar o racismo e o mercantilismo, se apresenta de maneira única e incomparável a outros sistemas de escravidão já ocorridos na história. Um processo extremamente violento física e simbolicamente, e que deixou marcas profundas na população alvo do sequestro e seus descendentes no ocidente (Njeri, 2019).

1.2 Raça, Racismo e Preconceito

O conceito de Raça vem sendo estudado em áreas como a Antropologia e a Sociologia há muito tempo, tendo sido discutidas suas possíveis definições e implicações na produção de conhecimento intelectual, no norteamento de políticas públicas e na maneira como tal noção pode determinar como se darão as relações dentro de uma dada sociedade (Guimarães, 1999; Hofbauer, 2003; Guimarães, 2011; Aguiar, 2007).

Munanga (2003) explicita que o conceito de raça foi utilizado originalmente na botânica e na zoologia para definir diferentes raças de espécies de plantas e de animais, de maneira a catalogar tais seres para melhor estudá-los. A partir do século XVI, a noção de raça é, então, estendida para as relações humanas, de forma a separar grupos de pessoas de acordo com suas similaridades e diferenças, principalmente, fenotípicas. Ainda segundo Munanga, tal separação serviu, historicamente, para fins hierárquicos e de dominação, contribuindo de maneira efetiva para a determinação das relações sociais, inicialmente na França, a partir do século XVI.

Segundo Munanga (2003), baseado no conceito de raça, o racismo surge ao postular a um determinado grupo características com valores morais, intelectuais, psicológicos, de beleza e de índole com base em suas características físicas hereditárias em comum. Essa divisão determina que os grupos ocupam uma posição desigual dentro da sociedade, sendo uns pertencentes a posições superiores e outros, a posições inferiores. Com base nessas divisões, aqueles pertencentes à posições superiores exercem poder sobre aqueles na posição de inferiores, de maneira a subjugadora e exploratória.

De acordo com Munanga (2003), raça não é um conceito possível em um nível biológico, visto que pessoas de grupos distintos podem guardar semelhanças genéticas/fenotípicas (uma pessoa branca, por exemplo, pode ter cabelo crespo, característica comumente encontrada em pessoas negras, ao passo que uma pessoa negra pode ter olhos verdes, característica comumente encontrada em pessoas brancas; e doenças genéticas hereditárias, por exemplo, podem ser encontradas em raças diferentes). Raça é, então, um conceito social de hierarquização de poder que sustenta práticas racistas, com a valoração de aspectos culturais, religiosos, morais e de inteligência baseados nas características físicas de um grupo em detrimento de outro(s).

Ainda em sua palestra Uma abordagem conceitual sobre raça, racismo, etnia e identidade, Munanga (2003) afirma que, apesar de raça não existir biologicamente, isso não é suficiente para fazer desaparecer as “categorias mentais que a sustentam”. Ou seja, mesmo que tal conceito não seja calcado na ciência biológica, ele ainda é utilizado para determinar como

se darão as relações entre os membros da sociedade; dessa forma, não é útil apenas afirmar a inexistência da raça, mas é necessária a compreensão dos efeitos de sua aplicação para, enfim, promover uma mudança efetiva na sociedade.

Preconceito é definido como uma atitude em relação a um membro de outro grupo baseada em valorações prévias, nas quais as tendências são predominantemente negativas (Stroebe & Insko, 1989); em tal valoração, é embutido um senso de hierarquia entre os grupos (Campos, 2017), sendo que a pessoa que discrimina se coloca como pertencente a um grupo superior àquele que é discriminado. Tal definição se aproxima do que Munanga (2003) definiu por racismo, podendo ser estendida, então, para um tratamento de maneira a inferiorizar outros grupos para além dos que são comumente racializados² (e.g., negros, indígenas). Sobre tal extensão, Munanga (2003) afirma:

Trata-se aqui de um racismo por analogia ou metaforização, resultante da biologização de um conjunto de indivíduos pertencendo a uma mesma categoria social. É como se essa categoria social racializada (biologizada) fosse portadora de um estigma corporal. Temos nesse caso o uso popular do conceito de racismo, qualificando de racismo qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social. (p.10)

O que Munanga (2003) define como racismo, por analogia ou metaforização, aproxima-se do que outros autores entendem por preconceito (Manuel, Silva e Oliveira, 2019; Pereira e Vala, 2010; Guimarães, 2010; Coelho e Silva, 2015; Bandeira e Batista, 2002), podendo este ser definido enquanto um conjunto de ações direcionadas a um indivíduo pertencente a um grupo com base em suas características, não necessariamente raciais, de maneira a inferiorizá-lo ou tratá-lo de forma desigual ou injusta comparado a outro grupo.

Com base em concepções de preconceito similares à apresentada acima, e entendendo que o preconceito é uma das questões sociais a serem tratadas com urgência na sociedade ocidental, pesquisadores de diferentes áreas realizaram trabalhos que buscavam compreender as manifestações, as causas e os efeitos dos mais diversos tipos de preconceito: contra a mulher

² Todas as pessoas são racializadas, ou seja, fazem parte de uma raça. Neste caso, entende-se como “comumente racializados” pessoas pertencentes à grupos que geralmente lhes são atribuídos valores ou características por conta de sua raça (eg. negros e indígenas).

Silva, 2010; Salgado, 2002), contra a diversidade sexual (Costa & Nardi, 2015), contra pessoas com deficiência (Saad, 2003) e preconceito racial (Coelho e Silva, 2015).

Tendo em vista o que foi explicitado por Njeri (2019), o fenômeno da escravidão transatlântica, perpetuado com base no racismo e no mercantilismo, se apresenta de maneira muito mais devastadora do que outros processos de escravização já ocorridos na história. Para nomear tal fenômeno, a autora se utiliza do conceito de Maafa:

Este termo foi cunhado por Marimba Ani (1994), e corresponde, em Swahili, à "grande tragédia", à ocorrência do terrível, ao infortúnio de morte, que identifica os 500 anos de sofrimento de pessoas de herança africana através da escravidão, imperialismo, colonialismo, apartheid, estupro, opressão, invasões e exploração (Njeri, 2019, p 7).

Esse conceito abarca todo o fenômeno de sequestro, da escravização, da tortura, da criminalização da cultura, da religião, dos símbolos sagrados, da objetificação e de toda forma de genocídio e desumanização da população negra, independente do território que ela ocupe.

1.3 Análise do Comportamento e o Estudo do Preconceito e do Racismo

Alguns pesquisadores da Análise do Comportamento têm se mostrado comprometidos com o estudo de temas que se revelam como grandes problemas sociais ocidentais, buscando compreendê-los à luz do behaviorismo radical ou fazendo uma aproximação entre seus conceitos e as informações que outras áreas já produziram sobre o assunto. (Freitas e Moraes, 2019; Couto e Dittrich, 2017; Casteleira e Maio, 2017).

Briggs e Paulson (1996) diferenciam duas formas nas quais o racismo pode ser observado. A primeira forma se manifesta em um nível individual, sendo observado através de uma ação direta de um organismo para com o outro. A segunda forma apresentada é em nível institucional, no qual a prática racista é focada em práticas e políticas com consequências desiguais para aqueles pertencentes à determinado grupo. Briggs e Paulson propõem uma análise do racismo institucional com base em três formas de aprendizagem: condicionamento clássico (respondente ou pavloviano), operante e aprendizagem por observação (modelação ou imitação).

Na aprendizagem através do condicionamento clássico, um estímulo eliciador de respostas incondicionadas é pareado com um estímulo neutro para a resposta incondicionada.

Após essa associação, o estímulo, antes neutro, passa a apresentar propriedades eliciadoras da resposta, tornando-se, assim, um estímulo condicionado. As propriedades eliciadoras do estímulo condicionado podem, então, ser generalizadas para outros estímulos da mesma classe. Briggs e Paulson (1996) afirmam que uma pessoa que teve uma experiência ruim com uma pessoa negra (como, por exemplo, um assalto), pode passar a temer e a não gostar de nenhuma pessoa negra. Nesse exemplo, a situação de assalto representou um conjunto de estímulos capaz de eliciar respostas reflexas como taquicardia, sudorese, tremor (respostas comumente chamadas de emocionais de medo). O controle que foi exercido pela imagem do assaltante negro pode ser generalizado, segundo Briggs e Paulson, para todos os estímulos da classe “pessoas negras”, fazendo com que a pessoa responda de maneira a se esquivar do contato com estímulos dessa classe.

Briggs e Paulson (1996) propõem, então, uma análise do racismo do ponto de vista da aprendizagem operante, afirmando que esse é um sistema no qual estão envolvidos tanto os processos de reforçamento (positivo ou negativo) quanto de punição (positiva ou negativa) das respostas. Se um determinado indivíduo recebe aprovação dos pares após emitir um comentário racista, tal resposta tende a aumentar de frequência. Da mesma forma, se as ações afirmativas tomadas por uma instituição são encaradas com desdém por seus membros, tal ação tende a fracassar. Nessa proposta de análise, nota-se a importância das contingências sociais dispostas dentro do grupo e como estas contribuem para a perpetuação e a manutenção de comportamentos considerados racistas.

Na aprendizagem por observação, uma criança pode passar a emitir respostas consideradas racistas ao imitar o comportamento dos pais, que se comportam de maneira a discriminar outras pessoas por conta de sua raça e não sofrem punições por tais atos. Briggs e Paulson (1996) apontam que caso tais respostas da criança sejam reforçadas também no ambiente fora de casa, como, por exemplo na escola, é possível que seja instalado um repertório fortemente racista que perdure durante toda a vida do indivíduo. As respostas consideradas racistas podem ser imitadas tendo como modelo qualquer componente do grupo social do indivíduo, e tenderá a ser reproduzida e fortalecida caso esse grupo social forneça contingências de reforçamento que mantenham tais respostas.

Mizael & Sampaio (2019) propõem uma análise do racismo institucional utilizando o viés dos estudos de metacontingência e cultura para analisarem as relações estabelecidas dentro de um sistema considerado racista. Como objeto de análise, utilizaram-se as abordagens policiais realizadas pela Polícia Militar, evidenciando as relações de controle estabelecidas entre os mais diferentes agentes e divisões dentro da instituição (Secretaria de Segurança

Pública, Polícia Militar, Chefia de Gabinete, Polícia Civil, entre outros). Mizael e Sampaio apontam a necessidade de se identificar e caracterizar o ambiente que seleciona e perpetua as contingências entrelaçadas, gerando as consequências culturais relevantes para a manutenção do preconceito institucionalizado. Consideram que apenas depois de se ter explicitado quais são as variáveis controladoras relevantes para aquela prática cultural é que será possível uma proposta comportamental efetiva para a análise e para a intervenção na instituição. Outro ponto destacado é a complexidade do objeto de estudo, visto que a Polícia Militar é uma instituição subordinada a outras instituições relacionadas a uma grande agência de controle: o Estado. Com isso, a análise dessa organização, por ora, ainda apresenta algumas limitações. A limitação apontada por Mizael e Sampaio (2019) pode ser estendida para relações sociais que também acontecem em outros ambientes além da organização da Polícia Militar, nos quais também é possível observar a perpetuação do racismo institucional, tais como escolas, hospitais e empresas.

Entre os trabalhos produzidos sobre o tema preconceito racial, foram desenvolvidos estudos que buscavam identificar participantes para a pesquisa com uma crença/atitude racial negativa e propor uma forma de intervenção. Tal abordagem do tema se aproxima da primeira forma na qual o racismo pode ocorrer, apresentada por Briggs e Paulson (1996): racismo em um nível individual, na relação de um sujeito para com outro.

Carvalho e de Rose (2014) realizaram um trabalho tendo como base o paradigma de equivalência de estímulos. A pesquisa tinha como objetivo avaliar a influência da história pré-experimental sobre atitudes raciais em crianças de 7, 9 e 10 anos. Inicialmente, foram identificadas as crianças com um viés racial negativo, ou seja, que valoravam negativamente as imagens de homens negros. Por meio de uma atividade de *Matching to Sample*, com imagens de homens negros e brancos e símbolos abstratos, foi realizado um treino discriminativo para ensinar novas relações comportamentais. Este treino tinha como objetivo avaliar se era possível que emergisse uma relação positiva entre a imagem de homens negros e o símbolo de positivo. Foram ensinadas a relação entre o símbolo “positivo” e um símbolo abstrato e a relação do símbolo abstrato com a imagem de homens negros. Esperava-se, com base no paradigma de equivalência, que a relação “homens negros - símbolo positivo” emergisse e, dessa forma, pudesse atenuar ou reverter a relação pré-experimental “homens negros - negativo”. Os resultados apontam que, das quatro crianças participantes, apenas uma apresentou reversão nas respostas de viés racial negativo, enquanto as outras três, apesar de terem aprendido as relações ensinadas no experimento, não reverteram o viés racial negativo. Carvalho e de Rose (2014) apontaram que o paradigma de equivalência tem se mostrado um processo válido para se

entender a formação de crenças e atitudes; entretanto, os processos envolvidos na reversão de tais atitudes permanecem pouco claros.

Mizael, de Almeida, Silveira e de Rose (2016), dando continuidade ao trabalho realizado por Carvalho e de Rose (2014), desenvolveram uma pesquisa buscando resolver algumas lacunas apontadas no trabalho de Carvalho e de Rose. A pesquisa de Mizael, de Almeida, Silveira e de Rose (2016) teve como objetivo avaliar se crianças que inicialmente apresentaram viés racial negativo para imagens de sujeitos negros, passariam a apresentar viés positivo, após duas condições: treino e teste com DMTS (*Delayed Matching to Sample*) e treino e teste com SMTS (*Simultaneously Matching to Sample*). Um segundo objetivo foi identificar se a formação dessas classes de equivalência poderia sofrer influência da cor da experimentadora. A pesquisa contou com um número maior de participantes, comparado com o estudo de Carvalho e de Rose (2014), e uso de duas pesquisadoras na coleta dos dados, sendo uma negra e outra branca. Carvalho e de Rose (2014) utilizaram como instrumento de avaliação de viés racial o diferencial semântico. Mizael (2016), optou por utilizar como instrumentos de medida o SAM (Auto-Avaliação Manikin) e o IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*).

SAM é um instrumento que avalia os afetos do participante em relação a determinados estímulos. Para mensuração, é utilizada uma escala de 9 pontos, na qual o participante deve avaliar os estímulos a depender de como se sente em relação a ele (eg. mais favorável, menos favorável; mais agradável, menos agradável).

O IRAP é um instrumento que avalia relações entre estímulos, diferenciando-as entre relações consistentes ou inconsistentes. É esperado que as relações consistentes evoquem respostas mais rápidas do sujeito, ou seja, de menor latência. Já quanto às relações inconsistentes, é esperado que evoquem respostas mais demoradas, ou seja, de maior latência. Os testes das relações são divididos em blocos de treino e teste, e estes blocos são compostos por tentativas.

No início de cada bloco, é apresentada uma instrução, indicando qual a relação considerada verdadeira nesse bloco. O participante deverá responder de acordo com as regras apresentadas, da maneira mais rápida que conseguir, sendo apresentada a próxima tentativa apenas quando a resposta é correta. Caso a resposta errada seja selecionada, um “X” vermelho aparece na tela e o participante não é autorizado a passar para a próxima tentativa. A tentativa seguinte aparecerá apenas após o participante selecionar a resposta correta. As respostas corretas variam entre os blocos; dessa forma, uma resposta que seria considerada correta em um bloco, será considerada incorreta no bloco seguinte.

Os resultados coletados com a aplicação do SAM no pré-treino apontaram 22 crianças com viés racial negativo, sendo que 10 participantes apresentaram viés negativo para uma imagem de pessoa negra (mínimo) e um participante apresentou viés para quatro imagens (número total de imagens). Os demais participantes apresentaram viés racial para 2 ou 3 imagens (número intermediário). Após os treinos DMTS e SMTS, os resultados encontrados por meio da aplicação do SAM não apontaram diferenças significativas no viés racial. Os resultados encontrados com o IRAP indicaram ausência de viés racial tanto para faces negras quanto para faces brancas. Não foram encontradas diferenças de resultados entre as pesquisadoras, aparentando ter sido essa uma variável pouco relevante na formação das classes de equivalência.

Mizael (2016) aponta a limitação de um pequeno treino, realizado durante a pesquisa, para alterar comportamentos já estabelecidos no repertório do sujeito, e que são mantidos pelo ambiente no qual está inserido. Entretanto, salienta a importância desses estudos em apontar os parâmetros que podem influenciar e facilitar a formação de determinadas classes de equivalência.

Em sua pesquisa, Mizael (2016) utilizou o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP) como instrumento de medida do viés racial de seus participantes. Este tem sido um instrumento utilizado com frequência em pesquisas que buscam compreender os processos envolvidos na identificação e no mapeamento de viés racial e de outras valorações sociais.

O IRAP foi apresentado pela primeira vez em 2006, por Barnes-Homes, Hayden, Stewart, Power e Barnes-Homes, como uma alternativa ao IAT, instrumento que se propõe a medir comportamentos que são facilmente mascarados quando medidos apenas com um instrumento de medida explícita. A principal medida do IRAP é a latência da resposta do participante no teste. Os autores afirmam que respostas mais bem estabelecidas no repertório do sujeito, ou seja, mais fortes, devem ter uma latência menor do que respostas que são pouco estabelecidas, ou seja, mais fracas. Desde sua apresentação para a comunidade científica, o IRAP vem sendo utilizado em diversos estudos que buscam mapear comportamentos considerados implícitos, assim como estudos que visam aprimorar o instrumento.

Barnes-Homes, Murphy e Barnes-Homes (2010) realizaram dois experimentos buscando compreender a importância da velocidade da resposta aos estímulos apresentados no IRAP e de diferentes contextos (privado versus público) na identificação de viés racial em indivíduos brancos irlandeses. No contexto público, os participantes da pesquisa eram informados que os pesquisadores iriam analisar os resultados obtidos nas aplicações dos testes, sendo que, em alguns dos testes aplicados, os participantes deveriam falar para os pesquisadores

suas respostas. No contexto privado, tal procedimento não ocorreu, e os participantes foram informados que suas respostas seriam anônimas. Os resultados encontrados no estudo apontam para a importância da velocidade ao responder aos estímulos apresentados no IRAP, sendo o quesito latência uma variável importante na identificação do viés racial por esse instrumento. Com latência de 2 milissegundos, identificou-se viés racial, enquanto com latência de 3 milissegundos não foi identificado viés. Os autores não encontraram diferenças significativas entre os contextos público e privado, apontando que, na população estudada, ter suas respostas expostas ou não para o pesquisador não afetou o viés racial.

Adams, Luoma e Weinstein (2010) apresentaram uma sequência de quatro estudos nos quais foi aplicado o IRAP com o objetivo de contribuir com evidências sobre o potencial do instrumento em medir o viés comportamental nos mais variados assuntos. Os temas abordados nos estudos foram: viés racial (branco e negro), religioso (cristão e islâmico), de gênero (feminino e masculino) e de obesidade (magro e gordo). Os participantes foram designados para cada grupo de acordo com algumas características pessoais: o grupo dos participantes do estudo sobre viés racial deveria ter, se possível na mesma quantidade, participantes brancos e negros; o grupo de viés religioso deveria ter participantes cristãos e muçulmanos; o grupo de viés de gênero, deveria ter homens e mulheres, e o grupo de obesidade deveria ter participantes gordos e magros. Os resultados do grupo de viés racial apontaram para um viés mais favorável para estímulos “faces brancas”, do que para estímulos “faces negras”; o grupo de viés religioso apontou viés mais positivo e negativo para estímulos “cristãos” e neutros para “islãs”; o grupo de viés de gênero apontou para comportamentos mais bem estabelecidos para relacionar ocupações masculinas com homens e femininas com mulheres, endossando os estereótipos de gênero; os resultados do grupo de obesidade foram inconsistentes.

Ao longo dos últimos anos, foram realizados diversos estudos utilizando o IRAP para mensurar diferentes tipos de vieses em diferentes populações: viés de gênero em crianças de idade escolar (Rabelo, Bortolotti & Souza, 2014), crenças implícitas de agressores sexuais (Dawson, Barnes-Holmes, Gresswell, Hart & Gore, 2009), atitudes relacionadas a carnes e vegetais, de vegetarianos e carnistas (Barnes-Holmes, Murtagh e Barnes-Holmes, 2010), medo de aranha (Nicholson e Barnes-Holmes, 2012), entre outros. Nota-se um grande número de estudos que utilizaram IRAP com o objetivo de analisar algum fenômeno social, seja ele relativo a questões de gênero, sexualidade, padrão estético ou racial, ou outros.

Tendo como base a diversidade de estudos que utilizam o IRAP como principal instrumento de pesquisa e a diversidade de estudos em Análise do Comportamento sobre fenômenos sociais, o objetivo da presente pesquisa é mapear e caracterizar: 1) as produções em

Análise do Comportamento sobre a temática racial voltada para a negritude; e 2) as produções que utilizam o instrumento IRAP como principal medida e que estudam a temática racial voltada para a negritude

O presente trabalho busca também ampliar as categorias de análises usadas na revisão de literatura feita por Mizael, Gomes e Silva (2019), aprofundando a análise dos materiais já produzidos em Análise do Comportamento relacionados à negritude, compreendendo as tendências da área, identificando quais os caminhos já trilhados e quais as lacunas existentes.

2 Método

2.1 Plataformas de Busca

Para a presente pesquisa, foram utilizadas duas plataformas de busca de dados com trabalhos indexados nas áreas de psicologia, saúde e análise do comportamento. As plataformas utilizadas foram: Portal de Periódicos CAPES e Science Direct.

Criado para propiciar acesso aos conteúdos científicos nacionais e internacionais para todas as regiões do Brasil, o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) conta com um acervo de mais de 45 mil trabalhos, com texto completo, e 130 bases referenciais em sua plataforma. Sendo a maior plataforma de busca do Brasil, o Portal de Periódicos CAPES possui trabalhos referenciados nas mais diversas áreas do conhecimento, sendo uma plataforma de grande relevância para uma busca de revisão.

Science Direct é uma plataforma de busca com trabalhos acadêmicos indexados de diversas áreas. Dentre esses trabalhos estão aqueles de ciências sociais e humanidades, assim como ciências da saúde. Esse conteúdo faz com que Science Direct seja uma plataforma relevante para a busca da presente pesquisa.

2.2 Palavras de Busca

Para realizar a busca nas plataformas de pesquisa descritas no item anterior, foram elencadas 18 palavras de busca, divididas em quatro categorias: Análise do Comportamento, Raça, Preconceito e IRAP.

A categoria Análise do Comportamento foi composta por três termos de busca: “Análise do Comportamento”, “*Behavior Analysis*”, “*Analisis de la Conducta*”.

A categoria Raça foi composta por sete termos de busca, sendo estes: “Afrodescendente”, “Negr*”, “População Negra”, “*Black*”, “Racis*”, “Racial” e “Raça”. O operador de truncagem “*” foi utilizado para incluir na pesquisa termos como Negro, Negra, Negros, Negras, Racismo e Racista.

Na categoria Preconceito foram elencados seis termos de busca, sendo eles: “*Racial Prejudice*”, “Prejuicio Racial”, “Preconceito Racial”, “Discriminação Racial”, “Desigualdade Racial” e “Viés Racial”. Na categoria IRAP, foram elencados dois termos de busca que correspondiam ao nome do instrumento investigado por extenso e sua abreviação. Dessa forma, os termos de busca foram “*Implicit Relational Assessment Procedure*”, e “IRAP”.

A busca foi feita por intermédio do cruzamento dos termos de busca de duas, três ou quatro categorias. Os termos foram conectados pelo operador Booleano “AND”; assim, será

garantido que a cada busca todos os termos do cruzamento em questão (dois, três ou quatro) estejam presentes no material encontrado. Entretanto, optou-se por não se utilizar o cruzamento de categorias “Preconceito *AND* Raça”. Considera-se que a busca “Preconceito *AND* Raça” resultaria em pesquisas de diversas áreas, tais como Ciências Sociais, Sociologia, História e outras mais, que, apesar de serem de grande relevância, não correspondem ao objetivo deste trabalho.

Os cruzamentos realizados foram: “Análise do Comportamento” *AND* “Raça”, total de 28 cruzamentos possíveis; “Análise do Comportamento” *AND* “Preconceito”, total de 24 cruzamentos possíveis; “Análise do Comportamento” *AND* “IRAP”, total de 8 cruzamentos possíveis; “Raça” *AND* “IRAP”, total de 14 cruzamentos possíveis; “Preconceito” *AND* “IRAP”, total de 12 cruzamentos possíveis; “Análise do Comportamento” *AND* “Raça” *AND* “Preconceito”, total de 168 combinações possíveis; “Análise do Comportamento” *AND* “Raça” *AND* “IRAP”, total de 56 combinações possíveis; “Análise do Comportamento” *AND* “Preconceito” *AND* “IRAP”, total de 48 combinações possíveis; “Raça” *AND* “Preconceito” *AND* “IRAP”, total de 84 combinações possíveis. No total, serão 442 combinações de palavras de busca pesquisadas nas quatro plataformas selecionadas.

Foram incluídos na pesquisa estudos que apresentaram as palavras de busca no resumo, no título e/ou nas palavras chave, e que tratem de temas relacionados a negritude e a análise do Comportamento. Não será feita restrição de ano de publicação. Os textos assim selecionados foram lidos na íntegra, buscando-se informações sobre cada uma das variáveis a serem analisadas. Após a exclusão dos estudos que não contemplaram os critérios explicitados anteriormente, foram analisados os dados dos textos selecionados, de acordo com as seguintes variáveis específicas para cada tipo de trabalho (pesquisa aplicada, pesquisa básica, pesquisa de revisão de literatura, trabalho documental e ensaio)

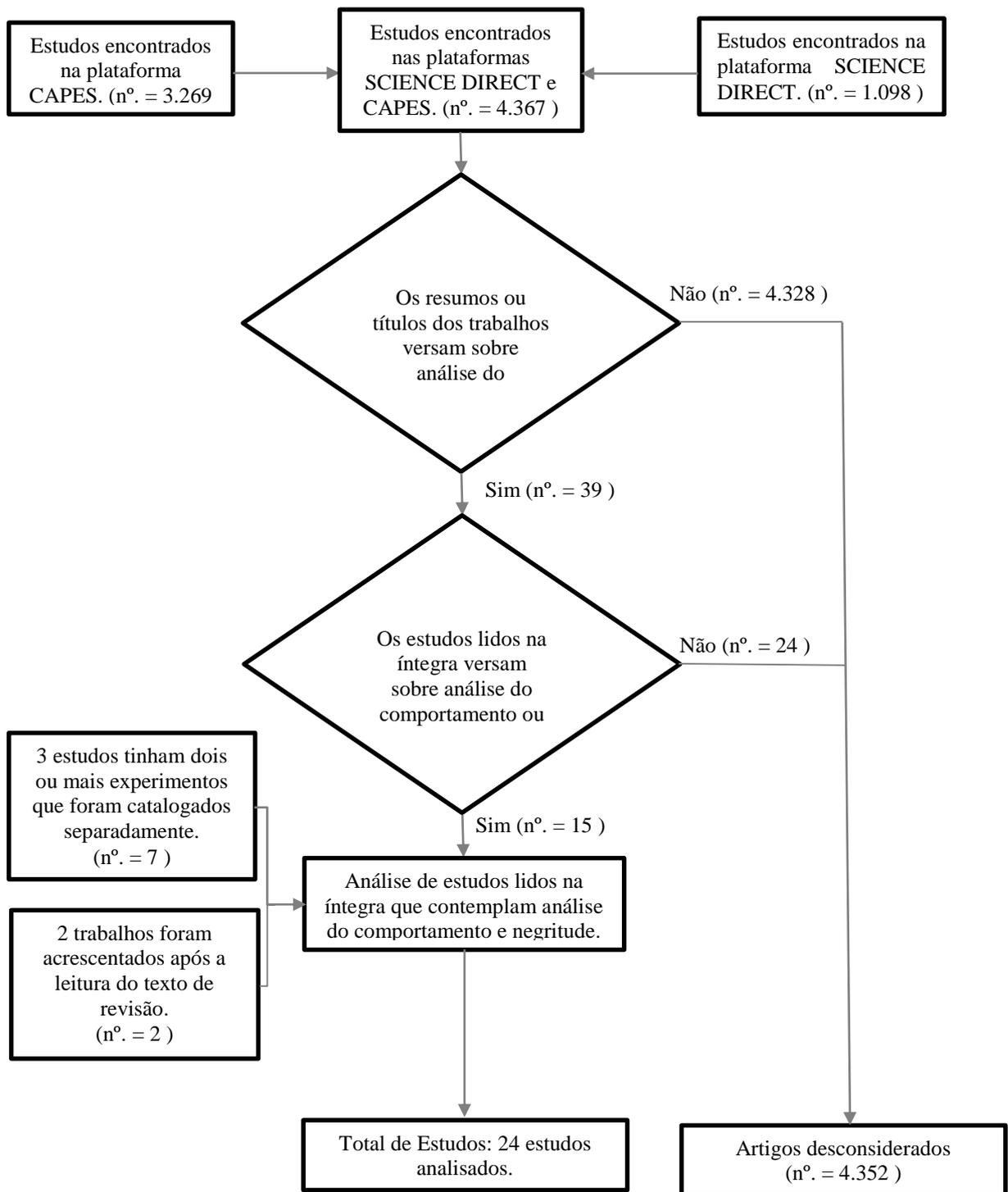


Figura 1. Processo de busca, triagem e seleção dos trabalhos para a análise

3 Resultados e Discussão

Foi realizado o cruzamento das palavras de busca pertencentes aos quatro grupos (Análise do Comportamento, Preconceito, Raça e IRAP), totalizando 320 combinações de busca na plataforma Science Direct e no Portal de Periódicos CAPES. No total, foram encontrados 4.367 trabalhos, sendo 3.269 no Portal de Periódicos CAPES e 1.098 na Science Direct. A pesquisa nas bases de dados foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2020.

Foi realizada a leitura do título e resumo dos trabalhos e, a partir dessa leitura, foram excluídos 4.328 trabalhos que não preenchiam o critério pré estabelecido de versar sobre temas relacionados à negritude e à Análise do Comportamento. 39 trabalhos foram incluídos na segunda fase da revisão, na qual foi realizada a leitura na íntegra para verificar se os mesmos se enquadravam no critério estabelecido.

Após a leitura na íntegra, 24 trabalhos foram excluídos da pesquisa. Foram excluídos trabalhos que não eram de Análise do Comportamento, trabalhos na vertente Cognitivo Comportamental, trabalhos que não falavam sobre raça ou não trabalhavam com participantes negros e trabalhos que falavam de raça, mas não falavam da negritude. Após a exclusão, 15 trabalhos permaneceram na pesquisa e foram categorizados e analisados.

Em trabalhos compostos por dois ou mais experimentos, cada experimento foi considerado separadamente. Três trabalhos estavam nessa condição, aumentando, assim, o número de trabalhos analisados.

Após a leitura dos trabalhos de revisão de literatura incluídos na pesquisa, dois novos artigos que não haviam sido identificados na busca com as palavras chave nas plataformas foram incluídos na análise, totalizando 24 estudos analisados.

No total, nos trabalhos levantados, foram encontrados 51 autores diferentes com pelo menos um trabalho que envolvia a temática da negritude e Análise do Comportamento. Os dados dos autores foram divididos nas seguintes categorias e subcategorias: número de publicações incluídas, gênero dos nomes (feminino, masculino) e raça (branco, negro, amarelo e não encontrado).

Para preencher a categoria raça dos autores, foi feita uma busca pelo nome do(a) autor(a) em plataformas com imagens com acesso público como o Google, Researchgate, Plataforma Lattes e Facebook. Foram selecionados alguns perfis e foi feita uma checagem do currículo, histórico de publicação e filiação dos autores para garantir que os perfis encontrados efetivamente eram dos autores pesquisados.

Após a confirmação, foram buscadas imagens dos autores e, a partir destas imagens, os autores foram separados nas categorias: branco, negro, amarelo e não encontrado. Os autores foram alocados para as categorias correspondentes às raças que eles possivelmente seriam socialmente classificados (um autor que seria socialmente lido como branco, ou seja, possui um conjunto de características físicas comumente atribuídas à pessoas brancas, foi classificado como branco).

Tabela 1.

Dados dos trabalhos encontrados separados por título, nome do(s) autor(es), periódico de publicação do trabalho, ano de publicação e filiação do(s) autor(es)

Título	Autor	Periódico	Ano	Filiação
<i>Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 1</i>	Todd R. Risley and Betty Hart	Journal of applied behavior analysis	1968	University of Kansa
<i>Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 2</i>	Todd R. Risley and Betty Hart	Journal of applied behavior analysis	1968	University of Kansa
<i>Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 3</i>	Todd R. Risley and Betty Hart	Journal of applied behavior analysis	1968	University of Kansa
<i>Behavior modification with culturally deprived school children: Two case studies</i>	Barabara H. Wasik, Kathryn Senn, Roberta H. Welch, e Barbara R. cooper	Journal of applied behavior analysis	1969	Duke University
<i>Reinforced racial integration in the first grade: A study in generalization</i>	Norma Hauserman, Susan R. Walen e Maxine Behling	Journal of applied behavior analysis	1973	Towson State College
<i>Token reinforcement during WISC-R Administration - II. Effects on mildly retarded, black students</i>	C. Merle Johnson, Sharon Bradley-Johnson, Randy McCarthy e Michaele Jamie	Applied research in mental retardation	1984	Michigan University

<i>Mothers' acceptance of behavioral interventions for children: The Influence of parents race and income</i>	Robert W. Heffer e Mary L. Kelley	Behavior therapy	1987	Lousiana State University
<i>Cultural diversity: A wake-up call for parent training</i>	Rex Forehand e Beth A. Kotchick	Behavior therapy	1996	University of Georgia
<i>Combating everyday racial discrimination without assuming racists or racism: New intervention ideas from a contextual analysis</i>	Bernard Guerin	Behavior and social issues	2005	University of Waikato
<i>Applying acceptance, mindfulness, and values to the reduction of prejudice - A pilot study</i>	Jason Lillis e Steven C. Hayes	Behavior modification	2007	University of Nevada
<i>The implicit relational assessment procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: A first Study Experimento 1</i>	Patricia Power, Dermot Barnes-Holmes, Yvonne Barnes-Homes e Ian Stewart	The psychological record	2009	National University of Ireland
<i>The implicit relational assessment procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: A first Study Experimento 2</i>	Patricia Power, Dermot Barnes-Holmes, Yvonne Barnes-Homes e Ian Stewart	The psychological record	2009	National University of Ireland
<i>Examining the implicit relational assessment procedure: Four preliminary studies</i>	Chad E. Drake, Karen KAt e Kellum, Kelly G. Wilson, Jason B. Luoma, Jonathab H. Weinstein e Catherine H. Adams	The psychological record	2010	University of Mississippi e Portland Psychoterapy Clinic

<i>The implicit relational assessment procedure: Exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-white and anti- black stereotyping among white Irish individuals - Experimento 1</i>	Dermont Barnes-Holmes, Aisling Murphy e Yvonne Barnes-Holmes	The psychological record	2010	National University of Ireland
<i>The implicit relational assessment procedure: Exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-white and anti-black stereotyping among white Irish individuals - Experimento 2</i>	Dermont Barnes-Holmes, Aisling Murphy e Yvonne Barnes-Holmes	The psychological record	2010	National University of Ireland
<i>Understanding racial attitudes through the stimulus equivalence paradigm</i>	Marilia Pinheiro de Carvalho e Júlio de Rose	The psychological record	2014	Universidade Federal de São Carlos e University of Minho
<i>Exploring the reliability and convergent validity of implicit racial evaluations</i>	Chad E. Drake, Sam Kramer, Travis Sain, Rachel Swiatek, Kristin Kohn e Meagan Murphy	Behavior and social issues	2015	Southern Illinois University
<i>Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes</i>	Thácita M. Mizael, João H. de Almeida, Carolina C. silveira e Julio de Rose	The psychological record	2016	Universidade Federal de São Carlos
<i>Exploring racial bias in a European country with a recent history of immigration of black Africans</i>	Patricia Power, Colin Harte, Dermont Barnes-Holmes e Yvonne Barnes-Holmes	The psychological record	2017	National University of Ireland e Ghent University
<i>Combining the implicit relational assessment procedure and the recording of event related potentials in the analysis of racial bias: A preliminary study</i>	Patricia Power, Colin Harte, Dermont Barnes-Holmes e Yvonne Barnes-Holmes	The psychological record	2017	National University of Ireland e Ghent university

Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios	Mizael, T. M. & de Rose, J. C.	Acta comportamentália	2017	Universidade Federal de São Carlos
<i>Time lag between diagnosis of autism spectrum disorder and onset of publicly funded early intensive behavioral intervention: Do race-ethnicity and neighborhood matter?</i>	Marissa E. Yingling, Robert M. Hock e Bethany A. Belt	Journal of autism development disorder	2017	University of Louisville e University of South Carolina
Negritude e análise do comportamento: Publicações, relevância e caminhos para seu estudo	Táhcita Medrado Mizael, Ariane Rico Gomes e Gabriela Jheniffer Teixeira Silva	Comportamento em foco	2019	Universidade Federal de São Carlos
<i>Can behavior analysis help us understand and reduce racism? A review of the current literature</i>	Kozue Matsuda, Yors Garcia, Robyn Catagnus e Julie Ackerlund Brandt	Behavior analysis in practice	2020	The Chicago School of Professional Psychology

Dermot Barnes-Holmes e Yvone Barnes-Holmes lideram o número de estudos com seis trabalhos incluídos na pesquisa. Em seguida, Patricia Power aparece com quatro estudos; Júlio de Rose, Táhcita M. Mizael, Todd R. Risley e Betty Hart, com três estudos; Ian Stewart, Colin Hart, Chad E. Drake e Aisling Murphy, com dois estudos; e os demais autores com um estudo cada. Esses dados se aproximam dos encontrados por Mizael e Almeida (2019), em seu trabalho de revisão de literatura sobre IRAP e viés racial, que também demonstra que Dermot Barnes-Holmes, Yvone Barnes-Holmes e Patricia Power são os autores com maior número de publicações sobre o tema.

Na categoria gênero dos nomes, foram encontrados 22 nomes masculinos e 29 nomes femininos. Nota-se que a maior parte dos(a) autores (as) dos trabalhos analisados são mulheres, apontando que estas são presença relevante na produção de conhecimento da área. Tal dado se assemelha com os resultados encontrados por Silva e Arantes (2019) que apontavam que 52% dos catalisadores da Análise do Comportamento no Brasil eram mulheres, enquanto 48% eram homens. Apesar do sub reconhecimento das mulheres nas áreas científicas (Silva e Arantes, 2019), estas são maioria na produção de conhecimento em Análise do Comportamento e questões raciais envolvendo a negritude. É relevante que dados como estes sejam divulgados a fim de aumentar o reconhecimento das pesquisadoras na área e destacar que apesar das diversas barreiras de gênero estruturais presentes na academia, as pesquisadoras seguem produzindo conhecimento relevante para o crescimento da área.

No total, foram encontradas imagens de 33 autores para a análise da categoria raça. Destes autores, 29 autores podem ser considerados brancos, enquanto apenas três autoras podem ser consideradas negras e uma autora considerada amarela. Tais dados apontam para a falta de pesquisadoras e pesquisadores negros (e não brancos) produzindo pesquisas na área. Segundo apontado pela Agência Brasil, em 2015, negros representam apenas 28,9% da população de pós graduandos no Brasil. Segundo Nascimento (2018), em 2012, os brancos representavam 47% da população brasileira, e 80% dos mestres e doutores brasileiros, ao passo que a população preta e parda somadas representavam 50% da população e apenas 19% dos mestres e 14% dos doutores brasileiros.

O resultados encontrados podem gerar uma questão preocupante em relação à Análise do Comportamento: a falta de autores (as) negros (as) pesquisando questões raciais/ negritude indica também uma falta de pesquisadores negros presentes na Análise do Comportamento? Uma ciência comprometida com a justiça social e com a construção de uma sociedade mais

igualitária e pluriversal³, deverá investir para que dentro do seu corpo de pesquisadores sejam incluídas pessoas das mais diversas raças de maneira justa e equilibrada.

³ Termo utilizado em aulas e palestras com temática afrocentrada, proferidas pela Prof^o Dr. Aza Njeri, ao tratar do contraste entre uma visão de humanidade/normatividade universal e humanidade pluriversal.

Tabela 2.

Raça dos autores das publicações selecionadas

Autor	Gênero	Raça	Número de artigos publicados
Dermon Barnes-Holmes	Masculino	Branco	6
Yvone Barnes-Holmes	Feminino	Branco	6
Patricia Power	Feminino	Não encontrado	4
Betty Hart	Feminino	Não encontrado	3
Julio de Rose	Masculino	Branco	3
Tahcita Medrado Mizael	Feminino	Negro (preto/pardo)	3
Todd R. Risley	Masculino	Branco	3
Aisling Murphy	Feminino	Não encontrado	2
Chad E. Drake	Masculino	Branco	2
Colin Harte	Masculino	Branco	2
Ian Stewart	Masculino	Branco	2
Ariane Rico Gomes	Feminino	Negro (preto/pardo)	1
Barabara H. Wasik	Feminino	Não encontrado	1
Barbara R. Cooper	Feminino	Não encontrado	1
Bernard Guerin	Masculino	Branco	1
Beth A. Kotchick	Masculino	Branco	1
Bethany A. Belt	Feminino	Branco	1
C. Merle Johnson	Masculino	Branco	1
Carolina C. Silveira	Feminino	Branco	1
Catherine H. Adams	Feminino	Não encontrado	1
Gabriela Jheniffer Teixeira Silva	Feminino	Negro (preto/pardo)	1
Jason B. Luoma	Masculino	Branco	1
Jason Lillis	Masculino	Branco	1

João H. de Almeida	Masculino	Branco	1
Jonathan H. Weinstein	Masculino	Não encontrado	1
Julie Ackerlund Brandt	Feminino	Branco	1
Karen Kate Kellum	Feminino	Branco	1
Kathryn Senn	Feminino	Não encontrado	1
Kelly G. Wilson	Masculino	Branco	1
Kozue Matsuda	Feminino	Amarelo	1
Kristin Kohn	Feminino	Não encontrado	1
Marilia Pinheiro de Carvalho	Feminino	Branco	1
Marissa E. Yingling	Feminino	Branco	1
Mary L. Kelley	Feminino	Branco	1
Maxine Behling	Feminino	Não encontrado	1
Meagan Murphy	Feminino	Não encontrado	1
Michael Jamie	Feminino	Não encontrado	1
Norma Hauserman	Feminino	Branco	1
Rachel Swiatek	Feminino	Não encontrado	1
Randy McCarthy	Masculino	Não encontrado	1
Rex Forehand	Masculino	Branco	1
Robert M. Hock	Masculino	Branco	1
Robert W. Heffer	Masculino	Branco	1
Roberta H. Welch	Feminino	Não encontrado	1
Robyn Catagnus	Feminino	Branco	1
Sam Kramer	Masculino	Não encontrado	1
Sharon Bradley-Johnson	Feminino	Branco	1
Steven C. Hayes	Masculino	Branco	1
Susan R. Walen	Feminino	Não encontrado	1
Travis Sain	Masculino	Não encontrado	1
Yors Garcia	Masculino	Branco	1

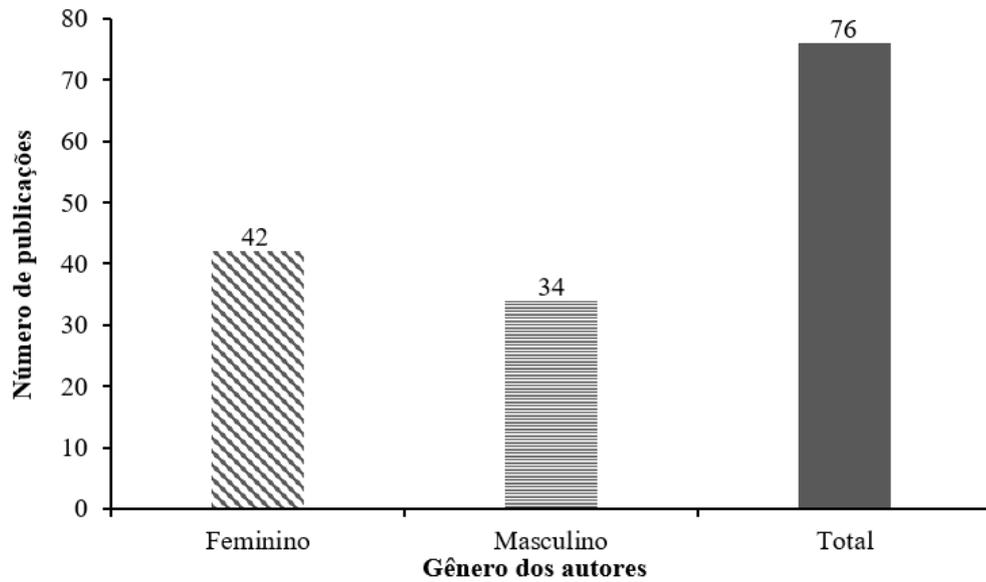


Figura 2. Número de publicações sobre negritude e Análise do Comportamento por gênero dos autores da publicação

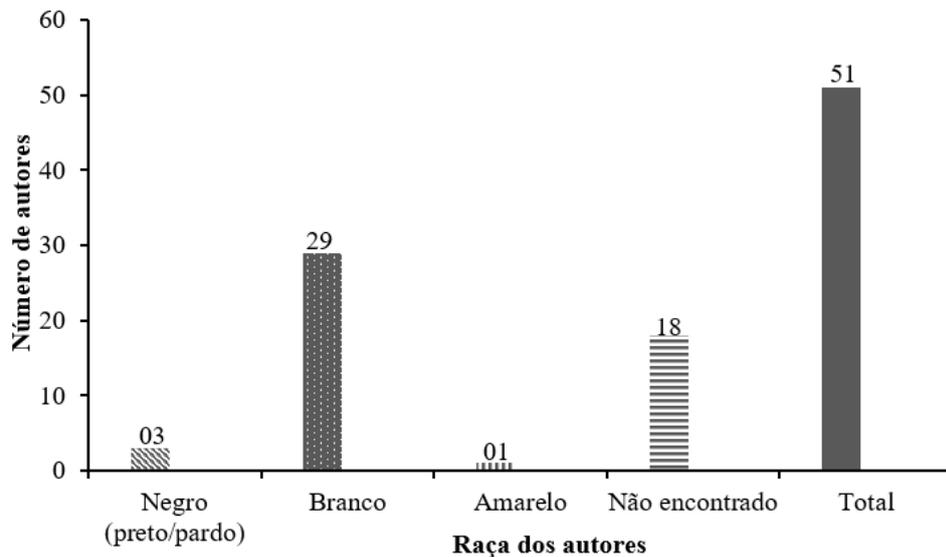


Figura 3. Raça dos autores das publicações selecionadas

No total, foram encontradas 19 instituições diferentes às quais os autores estavam filiados. As instituições foram destacadas de acordo com o país de origem e a quantidade de estudos produzidos.

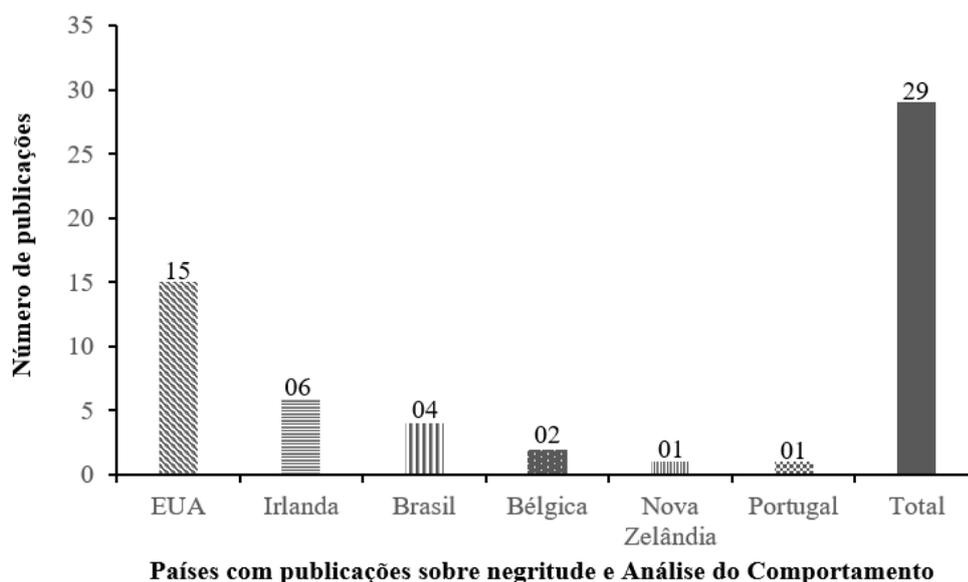
Tabela 3.

Número de publicações por instituição e país da publicação

Instituição	País	Quantidade de publicações
National University of Ireland	Irlanda	6
Universidade Federal de São Carlos	Brasil	4
University of Kansa	EUA	3
Ghent University	Bélgica	2
University of Minho	Portugal	1
University of Georgia	EUA	1
Towson State College	EUA	1
Michigan University	EUA	1
University of Nevada	EUA	1
The Chicago School of Professional Psychology	EUA	1
Lousiana State University	EUA	1
Duke University	EUA	1
University of Mississippi	EUA	1
Portland Psychotherapy Clinic	EUA	1
University of Louisville	EUA	1
University of South Carolina	EUA	1
Southern Illinois University	EUA	1
University of Waikato	Nova Zelândia	1
Total		29

Nota: O número de instituições apresentadas é maior em relação ao número de trabalhos publicados, pois há trabalhos que estão vinculados com mais de uma instituição.

Dos estudos encontrados, 15 foram produzidos em universidades dos Estados Unidos (EUA), 6 da Irlanda, 4 do Brasil, 2 da Bélgica, 1 de Portugal e 1 da Nova Zelândia. A universidade com mais estudos publicados sobre a questão racial da negritude foi a National University of Ireland (Irlanda) com 6 estudos; em seguida aparece a Universidade Federal de São Carlos (Brasil), com 4 estudos, a University of Kansas (EUA) com 3 estudos, e a Ghent University (Bélgica) com 2 estudos. As demais universidades publicaram apenas um estudo cada.



Nota: O número de instituições apresentadas é maior em relação ao número de trabalhos publicados, pois há trabalhos que estão vinculados com mais de uma instituição.

Figura 4. Número de publicações sobre negritude e Análise do Comportamento por país da publicação.

Nota-se que as duas universidades com maior número de estudos publicados, a National University of Ireland e a Universidade Federal de São Carlos, representam a totalidade de estudos encontrados nos materiais indexados no Portal CAPES e na Science Direct sobre o tema em seus respectivos países, Irlanda e Brasil, respectivamente. Tal dado pode significar que o interesse no estudo das questões raciais envolvendo a negritude e Análise do Comportamento nesses locais esteja centralizado em poucas instituições, não sendo fortemente difundido nas demais instituições de pesquisa de cada um desses países. Já os estudos produzidos nos EUA, apesar de representarem a maior parcela das publicações, são pouco centralizados e estão espalhados em 13 diferentes instituições pelo país.

Nos resultados encontrados, o Brasil representa apenas 13,79% dos estudos produzidos sobre negritude e Análise do Comportamento. Estudos desenvolvidos em países europeus ou norte americanos são de grande importância para o desenvolvimento do conhecimento sobre

esse assunto; entretanto, não é claro se é possível generalizar os resultados encontrados para a população brasileira.

Considerando que o Brasil é uma nação com seus pilares calcados no histórico de colonização (no papel do colonizado), de genocídio (das populações indígena e preta) e do processo de Maafa (representando todo aquele que é descendente de África, mas nasceu na diáspora), é possível que a constituição da identidade negra brasileira e do que é relevante para ela seja diferente de outros países. Dessa forma, é necessária a replicação, com a população brasileira, dos procedimentos e estudos já consolidados na área, assim como a criação de estratégias de pesquisas e de intervenções pensadas para essa população.

Com base nos dados coletados, é possível observar que as pesquisas em Análise do Comportamento sobre questões envolvendo a negritude têm sido majoritariamente produzida por pessoas brancas, da Europa ou da América do Norte. Fong e Tanaka (2013) apontam para uma variável já destacada por Skinner (1989), em *Beyond Freedom and Dignity*: todas as pessoas estão envoltas nas perspectivas e nos valores da cultura na qual estão inseridas, incluindo o cientista comportamental.

Dessa forma, constata-se que não é possível a existência de uma ciência neutra, que todo e qualquer resultado produzido, mesmo utilizando-se do método científico, é passível de influências da cultura vigente. Considerando que, dentro de uma estrutura racista, pessoas brancas têm privilégios sobre pessoas negras, assim como pessoas euro-americanas têm privilégio sobre outros povos, faz-se necessário que o conhecimento sobre Análise do Comportamento e negritude não seja centralizado em um grupo de pessoas (brancos euro-americanos), mas sim que tenha um pluriverso de pesquisadores e pesquisadoras, das mais diversas raças e nacionalidades, produzindo material.

Neusa Souza (1983), na introdução do seu livro *Tornar-se Negro*, pontua a importância da tomada de narrativa, de que a própria população negra (brasileira) possa produzir conhecimento científico sobre sua história e “emocionalidade”.

“Um das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.

Este livro representa meu anseio e tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade.

Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. de classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. (...)

A justificativa histórica deste trabalho se fundamenta na constatação inequívoca da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, a esse nível, elaborado pelo negro, acerca de si mesmo.” (p.17)

Com isso, os conhecimentos da Análise do Comportamento sobre o tema negritude podem ficar mais completos caso sejam produzidos também por pessoas de fora do eixo EUA - Europa, e por pessoas das mais diversas raças, principalmente, por pessoas negras.

No total, foram encontrados 10 periódicos com publicações que foram incluídos na pesquisa. The Psychological Record aparece com o maior número de trabalhos publicados, totalizando 9 estudos. Em seguida, a revista Journal of Applied Behavior Analysis aparece com 5 publicações, Behavior and Social Issues e Behavior Therapy com 2 publicações cada, as demais revistas (Applied Research in Mental Retardation, Behavior Modification, Behavior Analysis in Practice, Acta Comportamentalia, Journal of Autism Development Disorder e Comportamento em Foco) segue com uma publicação cada.

Tabela 4.

Número de publicações por periódicos

Periódico	Quantidade de publicações
The Psychological Record	9
Journal of Applied Behavior Analysis	5
Behavior Therapy	2
Behavior and Social Issues	2
Acta Comportamentalia	1
Applied Research in Mental Retardation	1
Behavior Analysis in Practice	1
Behavior Modification	1
Comportamento em Foco	1
Journal of Autism Development Disorder	1
Total	24

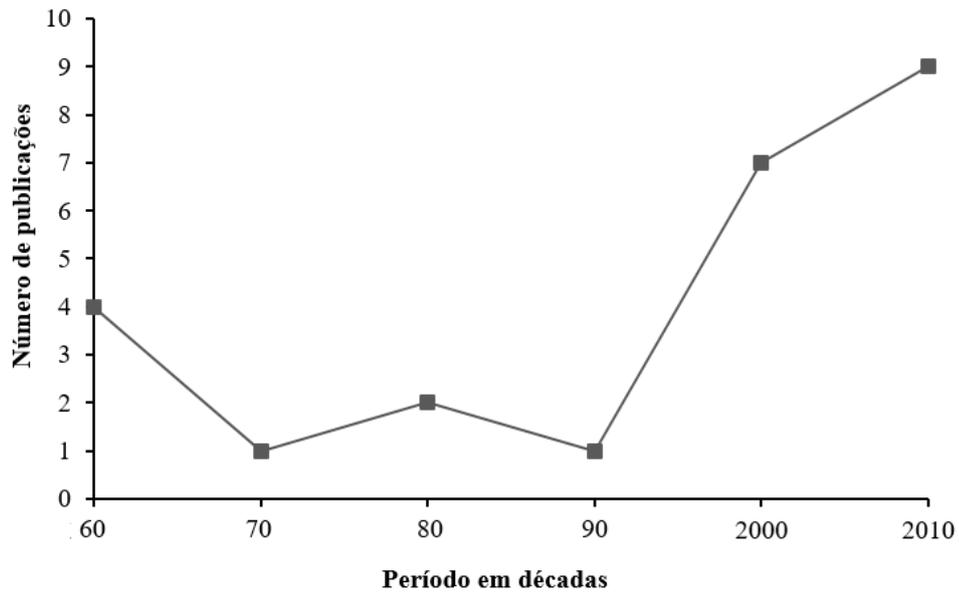


Figura 5. Número de publicações entre a década de 1960 e 2010

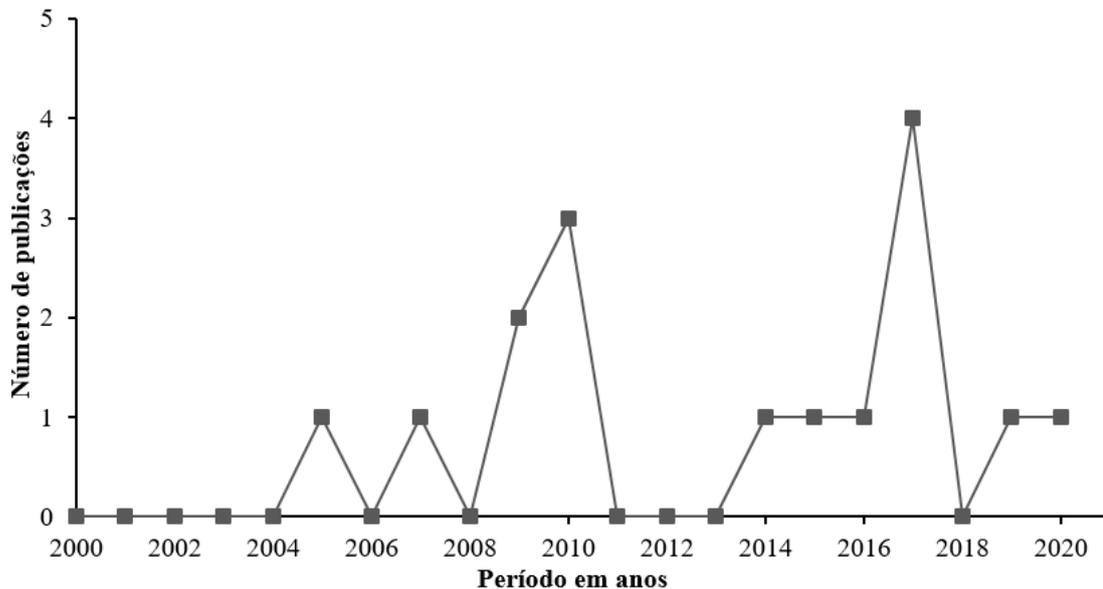


Figura 6. Número de publicações entre os anos 2000 e 2020

As publicações estão distribuídas entre os anos 1968 e 2020, com variação na quantidade de estudos publicados ao longo dos anos. Na década de 60 houveram quatro estudos publicados, 3 em 1968 e 1 em 1969. Na década de 70 apenas um estudo foi publicado, no ano de 1973. Durante as décadas de 80 e 90, apenas dois estudos foram publicados, sendo um em 1984 e outro em 1996. Entre a década de 60 e 90, apenas 8 estudos foram publicados, com uma média de 7 anos de distanciamento entre uma publicação e outra.

Um total de 7 estudos foram publicados em 5 anos, no período entre 2005 e 2010, sendo em 1 em 2005, 1 em 2007, 2 em 2009 e 3 em 2010. Entre 2014 e 2020, mais 9 estudos foram publicados, sendo que em 2014, 2015 e 2016 foram publicados 1 estudo por ano, 2017 4 estudos, 2019 e 2020 mais 1 estudo por ano.

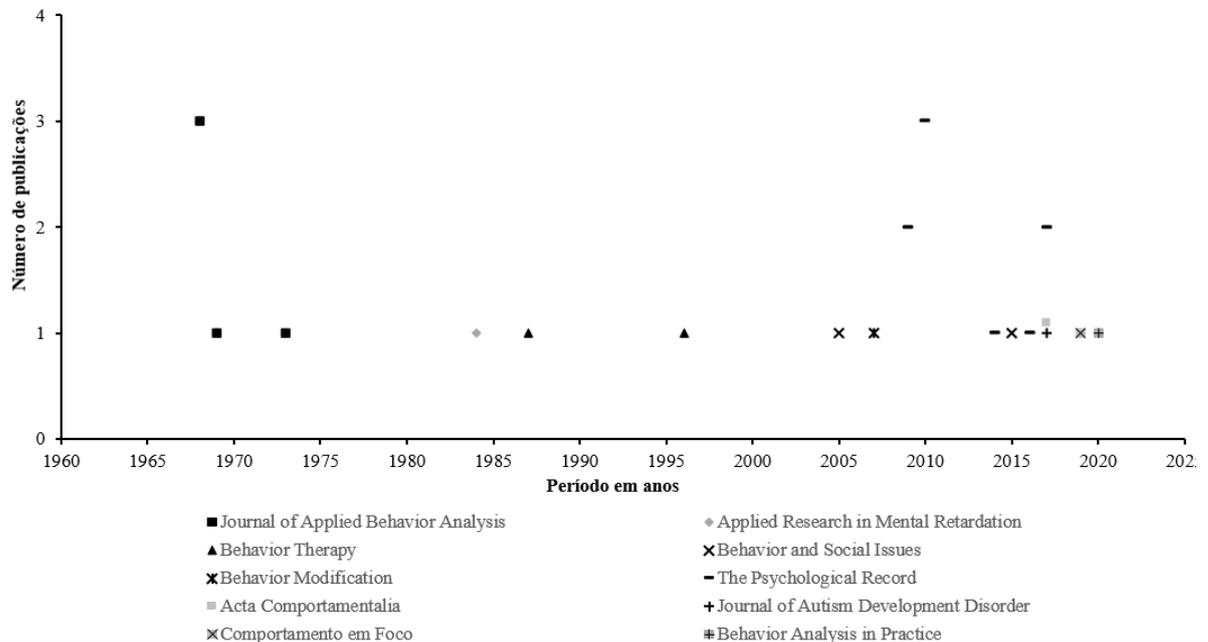


Figura 7. Número de publicações por periódico entre os anos 1960 e 2020

A maioria dos estudos estão concentrados nas décadas 2000 e 2010, com publicações das revistas The Psychological Record, Behavior and Social Issues, Comportamento em Foco, Behavior Analysis in Practice, Acta Comportamentalia e Behavior Modification. Entre a década de 60 e 90, os periódicos que publicaram trabalhos foram Journal of Applied Behavior Analysis, Behavior Therapy e Applied Research in Mental Retardation.

Nota-se que nos últimos 20 anos houve um crescimento no interesse no tema da negritude dentro da Análise do Comportamento, mostrando que apesar do pequeno número de trabalhos acumulados, a área está em desenvolvimento e se mostra promissora em relação ao assunto. Iwamasa (1997) aponta para a necessidade da terapia comportamental ser acessível e aplicável para as mais diversas populações, ressaltando que a diversidade cultural deve ser de interesse constante do Analista do Comportamento disposto a ser “parte da solução”, referindo-se aos problemas de justiça social existentes na sociedade. Ao final de seu trabalho, Iwamasa (1997) afirma estar otimista quanto ao compromisso dos profissionais Analistas do Comportamento em serem parte da solução, indicando que possivelmente veríamos algumas mudanças nos próximos 30 anos. Hoje, 23 anos após a publicação deste texto, é possível afirmar que, apesar dos pequenos passos, estamos no caminho certo.

Os objetivos dos trabalhos encontrados foram catalogados e, de acordo com os temas encontrados, foram divididos em 4 categorias: Trabalhos que versavam sobre Racismo/Viés Racial/ Preconceito Racial; Habilidades relevantes para o ambiente escolar (socialização, atividades acadêmicas e seguimento das regras das escola); Parentalidade da população negra e TEA (Transtorno do Espectro do Autismo).

Tabela 5.

Objetivo dos trabalhos classificados nas categoria Racismo/Viés Racial e Habilidades relevantes para o ambiente escolar

Racismo/Viés Racial/ Preconceito Racial	Habilidades relevantes para o ambiente escolar (socialização, atividades acadêmicas e seguimento das regras das escola)
<p>Examinar a interferência da história pré-experimental sobre atitudes raciais em crianças. Foram ensinadas discriminações condicionais envolvendo símbolos positivos e símbolos abstratos, e símbolos abstratos e figuras de homens negros. Era esperado que emergisse a relação homens negros e símbolo positivo.</p>	<p>Avaliar a possibilidade de uma nova abordagem para o estudo do preconceito a partir de uma nova geração de <i>mindfulness</i> e aceitação, baseadas nas terapias comportamentais e cognitivas</p> <p>Reforçar a integração de crianças negras e brancas no horário do lanche (refeitório), e medir a frequência desta aproximação no brincar em sala de aula (generalização)</p> <p>Descobrir quais são os efeitos de reforçar as respostas corretas no WISC-R de crianças negras "mentalmente retardadas" Experimento 1</p>
<p>Propor formas pelas quais a comunidade científica possa compreender o racismo através de uma perspectiva comportamental, estendendo de uma análise experimental do preconceito até intervenções para reduzir o racismo em variados contextos</p>	<p>Investigar de uma otimização dos parâmetros de treinamento poderiam aumentar a probabilidade de emergir uma relação de equivalência entre faces negras e símbolos positivos, substituindo as relações pré-experimentais de faces negras e estímulos negativos</p> <p>A pesquisa teve como objetivo aumentar os comportamentos adequados em sala de aula e diminuir os comportamentos inadequados e inaceitáveis de duas meninas negras. Segundo objetivo foi realizar um estudo compreensivo do comportamento das professoras que são orientadas a realizar os procedimentos de modificação comportamental. Terceiro objetivo foi um sistema de registro contínuo do comportamento em contraste do registro de apenas um comportamento definido.0</p> <p>Desenvolver um procedimento de treinamento que seja suficiente para produzir correspondência generalizada entre comportamento verbal e não verbal em crianças pré-escolares, de maneira que o comportamento não verbal seja modificado reforçando o comportamento verbal.</p>

<p>Com participantes irlandeses1) Determinar se o IRAP pode ser usado para identificar atitudes socialmente sensíveis que podem ser facilmente camufladas quando usada uma medida direta. 2) Determinar se o IRAP pode ser usado para avaliar crenças que envolvem relações comparativas</p>	<p>Com participantes americanos - irlandeses1) Determinar se o IRAP pode ser usado para identificar atitudes socialmente sensíveis que podem ser facilmente camufladas quando usada uma medida direta. 2) Determinar se o IRAP pode ser usado para avaliar crenças que envolvem relações comparativas</p>	<p>Replicação do experimento 1: reforçar o conteúdo da fala e depois a correspondência de maneira que a comportamento verbal poderá controlar o não verbal (usou linha de base múltipla)</p>	-
<p>O objetivo da pesquisa foi uma análise de viés racial em grupos utilizando o IRAP em um contexto de participantes negros e brancos. Estudo realizado no momento de grande imigração negra para a Irlanda.</p>	<p>O objetivo da pesquisa foi comparar os dados das formas das ondas cerebrais registradas nos blocos anti-branco, anti-negro, Pró-Branco e pró-negro do teste IRAP.</p>	-	-
<p>Realizar um estudo interpretativo sobre o preconceito racial, baseado nos pressupostos e achados experimentais analítico-comportamentais sobre este fenômeno e temas a ele relacionados</p>	<p>Expandir a literatura sobre a sensibilidade a aplicabilidade do IRAP em quatro condições (temas histórica e socialmente relevantes): raça, religião, gênero e raça.</p>	-	-
<p>Avaliar os estereótipos implícitos pró-brancos e anti-negros em irlandeses brancos, em um contexto público e privado</p>	<p>Avaliar o efeito de um período de latência de responder menor para a identificação de viés racial no IRAP</p>	-	-
<p>Analisar as pesquisas em Análise do Comportamento sobre a temática racial de maneira a justificar os estudos na área, elencar estudos e propor novas investigações</p>	-	-	-

Tabela 6.

Objetivo dos trabalhos classificados nas categorias Parentalidade da população negra e TEA (Transtorno do Espectro Autista)

Parentalidade da população negra	TEA (Transtorno do Espectro do Autismo).
<p>1) Apresentar a importância de terapeutas comportamentais começarem a ser sensíveis e estudar os contextos culturais nos quais as famílias de orientação parental vivem; Apresentar um breve resumo de contextos culturais de parentalidade de 4 diferentes grupos étnicos; Discutir contribuições e barreiras que os diversos contextos culturais trazem para a orientação parental.</p>	<p>Avaliar a relação entre o atraso no início de uma intervenção comportamental intensa para indivíduos com diagnóstico de TEA e: A) a raça da criança, B) pobreza, riqueza, composição racial e urbanização da vizinhança.</p>
<p>Avaliar os efeitos da raça e renda na taxa de aceitação das mães para 5 diferentes manejos de intervenção infantil</p>	<p>-</p>

A maioria dos trabalhos encontrados tratavam da temática negritude com foco no Racismo/ Viés racial, totalizando 15 estudos nesta categoria. A segunda categoria com maior volume de trabalhos catalogados foi Habilidades Escolares, totalizando 6 publicações. em seguida, a categoria Parentalidade Negra aparece com 2 trabalhos, e a categoria TEA com 1 trabalho.

Nota-se que, quando se trata da negritude, o principal interesse de estudo dos analistas do comportamento têm sido o racismo/viés racial. Dos estudos desta categoria, 6 focaram também na utilização do IRAP como forma de avaliar o viés racial. Com isso, percebe-se que a maioria dos esforços dos analistas do comportamento que estudam negritude está voltado para a compreensão dos processos envolvidos nos comportamentos considerados preconceituosos. Todos os trabalhos desta categoria foram publicados entre as décadas de 2000 e 2010.

Dos estudos da categoria Habilidades Escolares, 1 tinha como alvo a integração de crianças negras e brancas no período escolar. Os outros 5 trabalhos desta categoria, realizaram estudos de comportamentos presentes no ambiente escolar, tal como agressão, correspondência verbal e desempenho em teste de QI, sendo que todos os participantes dessas pesquisas eram negros.

É interessante notar que, destes 5 trabalhos que usaram apenas crianças negras e eram focados em comportamentos escolares que não são exclusividade desta população, 4 foram feitos no Centro-Sul dos EUA na década de 60, período que coincide com a legalidade das escolas segregadas no país. Nos EUA, diferente do Brasil, a população negra representa uma pequena parcela da população total, podendo ser considerada uma minoria étnica. Tendo em vista este contexto histórico e político, é peculiar a escolha dos pesquisadores (acadêmicos, possivelmente brancos) por este ambiente de intervenção.

Dos trabalhos da categoria Parentalidade Negra, um versou sobre a aceitação de mães negras à diferentes tipos de intervenções comportamentais para crianças. O outro estudo, versa sobre importância dos valores das diferentes raças e culturas dos pais que recebem orientação parental. Estes estudos foram feitos entre a década de 80 e 90.

O único estudo catalogado na categoria TEA versa sobre a influência da raça da criança, riqueza/pobreza e urbanização da vizinhança no atraso do início do tratamento em ABA para crianças com TEA. Estudos como este são de grande importância para área visto que apontam como em uma sociedade calcada no racismo, a raça da criança pode afetar a entrega de serviços comumente feitos por analistas do comportamento.

No total, foram selecionados 24 trabalhos, sendo onze pesquisas básicas, sete pesquisas aplicadas, três ensaios, duas pesquisas de revisão e uma pesquisa documental.

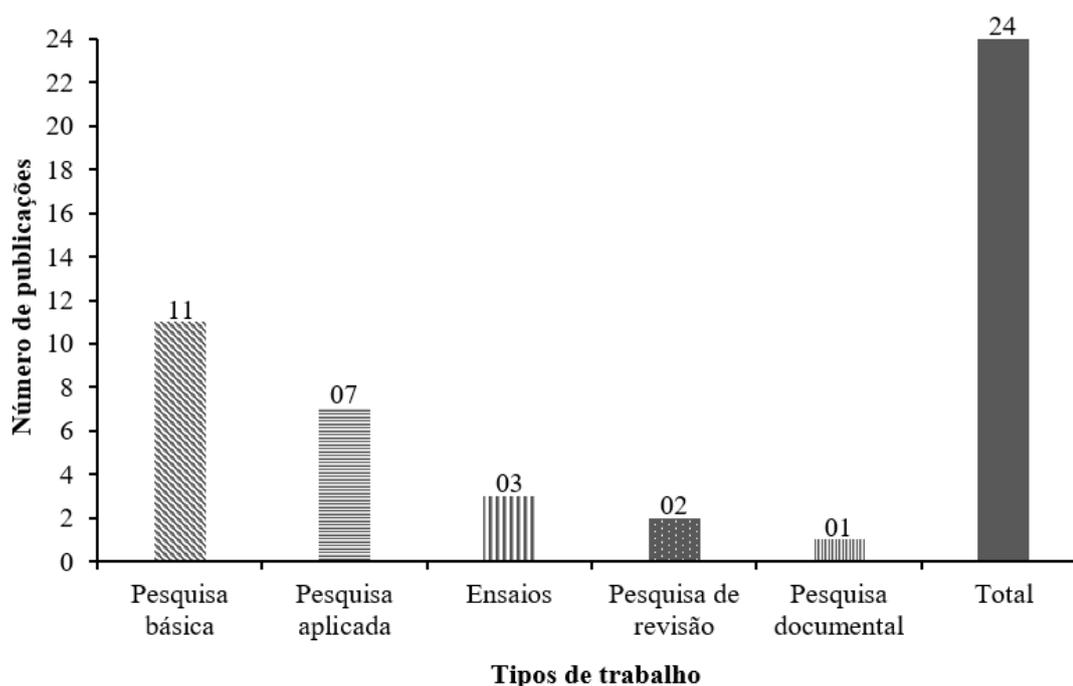


Figura 8. Número de publicações por tipos de trabalho

Os trabalhos selecionados foram analisados de acordo com o tipo de pesquisa: aplicada, básica, revisão de literatura, teórica: ensaio ou teórica documental. Os trabalhos classificados como aplicados, foram analisados com base nas variáveis: idade dos participantes; gênero dos participantes; escolaridade dos participantes; número de participantes por estudo; medidas do comportamento utilizadas; instrumento utilizado para medir o comportamento analisado; principais resultados e generalização.

Os trabalhos classificados como básicos foram analisados de acordo com as mesmas variáveis dos trabalhos aplicados, com exceção da variável generalização. Os trabalhos de revisão de literatura foram analisados de acordo com as variáveis: objetivo do estudo; palavras de busca utilizadas pelos autores; periódicos utilizados para a busca; plataforma de dados utilizadas para a busca; idioma no qual as buscas e os trabalhos foram feitos e o período abrangido pelas buscas.

Os trabalhos selecionados para as categorias documental e teórico-ensaio, foram analisado de acordo com seus objetivos e principais resultados.

Dos estudos aplicados, 3 deles tiveram como participantes crianças entre 4 e 5 anos, um estudo contou com participantes de 6 a 12 anos, um com participantes de 7 anos, um com 20 a 37 anos e um estudo não relatou a idade dos participantes. Os dados foram divididos em categorias baseadas nas fases do desenvolvimento humano apontada por Moreira (2011): Primeira infância (0 a 4 anos), pré-escolar (4 a 6 anos), segunda infância (6 a 10 anos), adolescência (10 a 18 anos), maturidade (18 aos 45-55 anos⁴) e velhice (55 anos ou mais).

Nota-se que, dos 7 estudos aplicados selecionados, três contaram com participantes na categoria pré-escolar, dois contaram com participantes da categoria segunda infância, e um contou com participantes na categoria maturidade. No estudo que não havia o relato da idade precisa das crianças, havia a descrição de que as mesmas se encontravam no primeiro ano da série escolar, o que nos permite estimar que os participantes teriam aproximadamente 6 anos de idade, aumentando de 5 para 6 os estudos aplicados com público-alvo infantil.

⁴ Segundo Moreira (2011), o período do fim da maturidade e início da velhice varia de 45 a 55 anos para mulheres e 50 anos para homens.

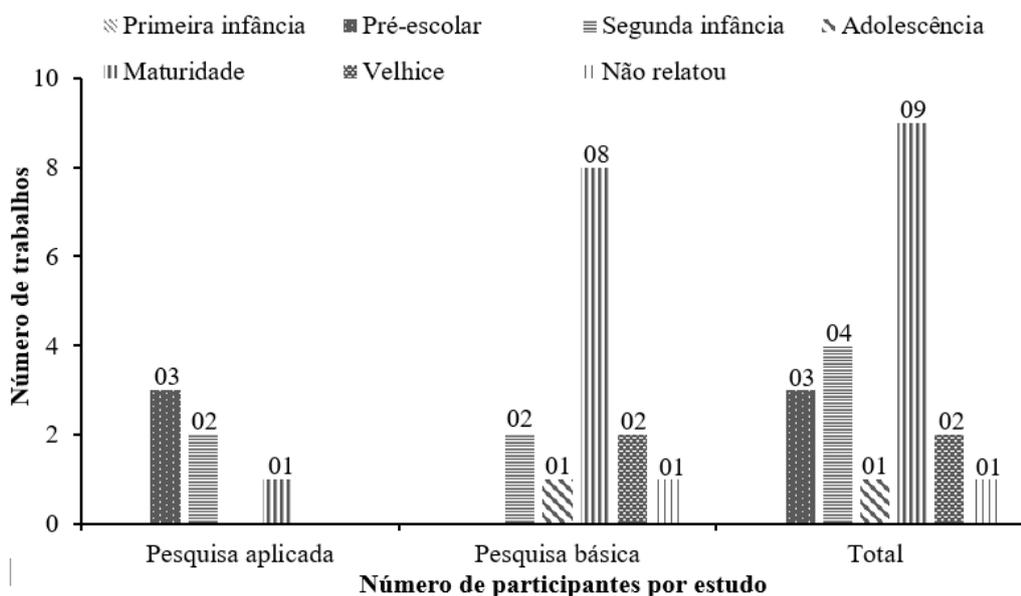


Figura 9. Idade dos participantes das pesquisas básicas e aplicadas divididas de acordo com as fases do desenvolvimento

Este dado indica que os analistas do comportamento da área aplicada que tem como alvo da intervenção a negritude ou o público negro, têm atuado consistentemente com um público infantil.

Dos onze trabalhos de pesquisa básica, apenas 2 trabalharam com crianças como participantes que se enquadraram na categoria segunda infância. Dos nove trabalhos restantes, um não relatou a idade dos participantes, um trabalhou com participantes acima de 17 anos, enquadrando-se na categoria adolescência e maturidade, oito trabalhos contaram com participantes da categoria maturidade e dois com participantes que enquadraram-se na categoria velhice. Nota-se que, diferentemente dos resultados encontrados em relação à pesquisa aplicada, nos estudos básicos envolvendo a negritude, a maioria dos participantes eram adultos.

Os trabalhos aplicados selecionados para esta pesquisa foram desenvolvidos na década de 1960 (4 trabalhos), 1970 (1 trabalho), 1980 (1 trabalho) e 2000 (1 trabalho), ao passo que os trabalhos básicos datam a década de 1980 (1 trabalho), 2000 (2 trabalhos) e 2010 (10 trabalhos). Nota-se que ao longo do tempo houve uma queda na produção de pesquisas aplicadas e na produção de pesquisas com participantes crianças. Entretanto, em relação às pesquisas básicas e às pesquisas com adultos, houve um aumento ao longo dos anos.

No total, os trabalhos selecionados contaram com 105 participantes do sexo masculino e 189 participantes do sexo feminino. Dos participantes do sexo masculino, 53 foram participantes das pesquisas básicas e 52 participantes das pesquisas aplicadas. Das participantes do sexo feminino, 144 participaram das pesquisas básicas e 45 das pesquisas aplicadas.

O trabalho realizado por Heffer e Kelley (1987), com o objetivo de avaliar os efeitos da raça e da renda na taxa de aceitação das mães para cinco diferentes manejos de intervenção comportamental infantil, contou com a participação de 83 mulheres, número maior do que a média de participantes das outras pesquisas (média de 7,2 participantes por estudo), o que fez com que o número total de participantes mulheres fosse consideravelmente superior aos participantes homens. Sem não se considerar o trabalho de Heffer e Kelley (1987), o total de participantes mulheres cai para 106, número bem próximo do total de participantes homens, 90.

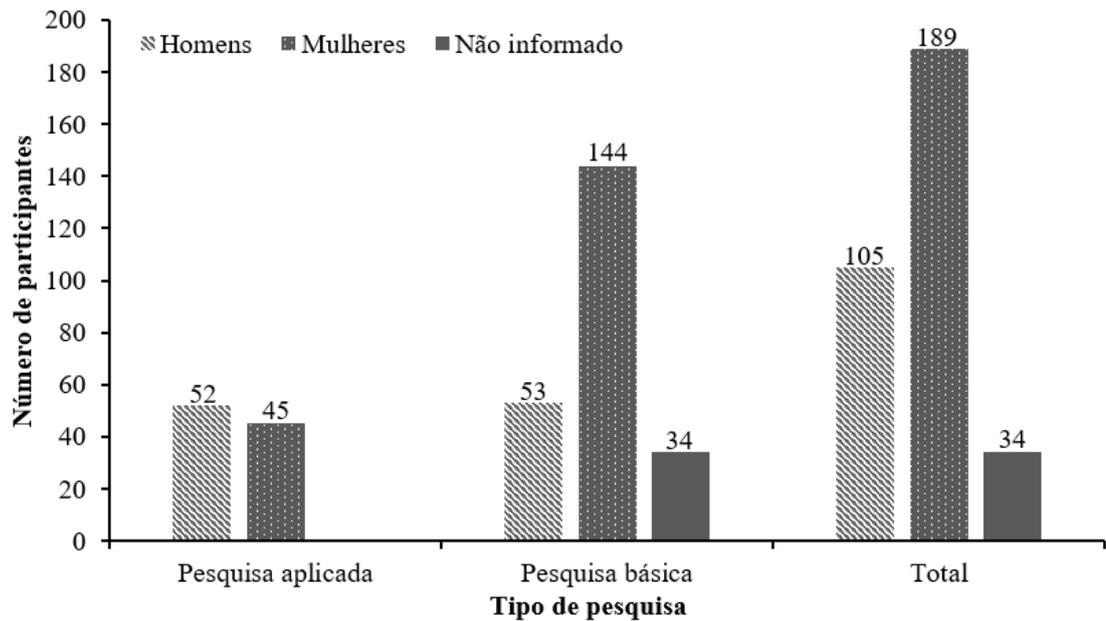


Figura 10. **Gênero dos participantes distribuídos entre pesquisas aplicadas, pesquisas básicas e total de participantes**

Assim, é possível considerar que as pesquisas em Análise do Comportamento que abordam a negritude têm produzido resultados tanto com homens quanto com mulheres de maneira equilibrada, havendo discrepância desses números apenas quando se acrescenta a pesquisa que abordou o tema maternidade, sendo realizada com o público feminino negro. Não foram encontradas pesquisas que relataram a participação do público transgênero/ transsexual. Apenas um estudo não relatou o gênero dos participantes.

Das sete pesquisas aplicadas selecionadas, todas trabalharam com participantes negros, uma também com participantes brancos, uma também com participantes hispânicos e participantes asiáticos. Das onze pesquisas básicas selecionadas, todas trabalharam com participantes brancos, seis trabalharam com participantes negros, e uma com participantes asiáticos.

É possível notar que a raça dos participantes das pesquisas aplicadas e básicas varia, sendo que a pesquisa básica têm trabalhado majoritariamente com pessoas brancas, ao passo que a pesquisa aplicada têm trabalhado com pessoas negras.

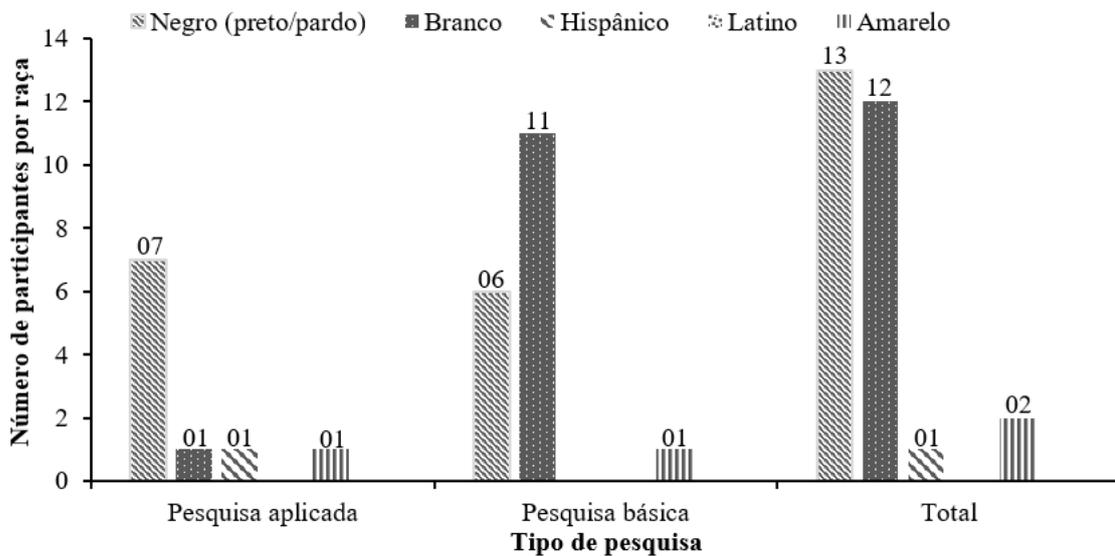


Figura 11. Raça dos participantes distribuídos entre pesquisas aplicadas, pesquisas básicas e total de participantes

Das sete pesquisas aplicadas selecionadas, em dois trabalhos, os participantes eram do ensino fundamental 1; em um trabalho os participantes eram do ensino fundamental 2; e em um outro trabalho, eram participantes da graduação. Das onze pesquisas básicas selecionadas, um trabalho contou com participantes do ensino fundamental 1; um outro com participantes do ensino fundamental 2; dois trabalhos foram desenvolvidos com participantes da graduação; um com participantes com supletivo; e em seis trabalhos não foi indicado o nível de escolaridade

dos

participantes.

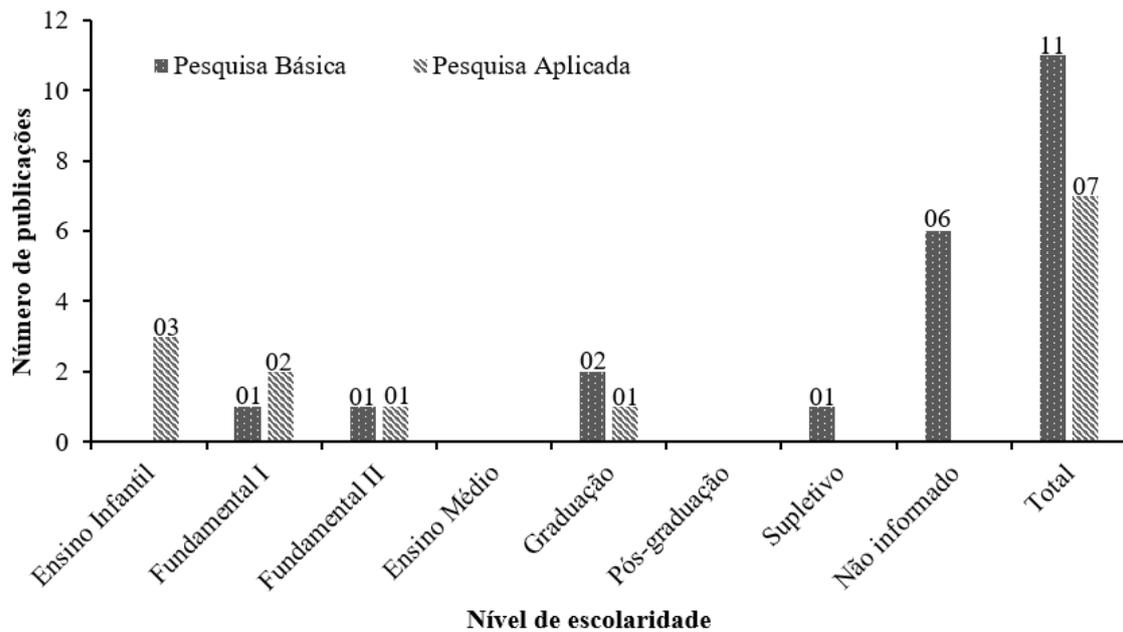


Figura 12. Escolaridade dos participantes distribuídos entre pesquisas aplicadas, pesquisas básicas e total de participantes.

Nota-se que a escolaridade dos participantes das pesquisas básicas e aplicadas condizem com a idade dos participantes, sendo que as pesquisas aplicadas apresentam maior público infantil, com menor grau de escolaridade e as pesquisas básicas maior público adulto, com maior grau de escolaridade. Todas as pesquisas que não relataram a escolaridade dos participantes trabalharam com adultos.

Os trabalhos selecionados foram separados em cinco categorias diferentes de acordo com a quantidade de participantes na pesquisa, sendo as categorias: de 1 a 10 participantes; de 11 a 20 participantes; de 21 a 30 participantes; de 31 a 40 participantes; e 41 ou mais participantes. A mesma pesquisa poderá pontuar em mais de uma categoria.

Dos trabalhos aplicados selecionados, quatro contaram com uma população de 1 a 10 participantes; dois com 11 a 20 participantes; e um trabalho contou com 31 a 40 participantes. Nota-se que, nas pesquisas aplicadas, a maioria dos estudos contou com um número baixo de participantes, concentrando-se na categoria de 1 a 10 participantes por estudo.

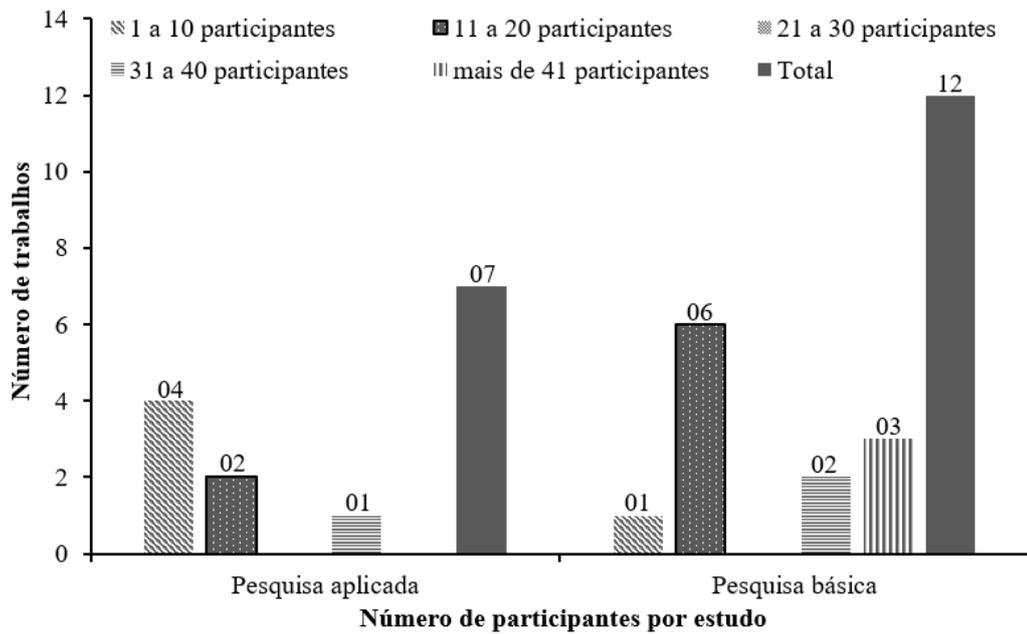


Figura 13. **Número de participantes por tipo de pesquisa**

Por outro lado, entre os estudos básicos selecionados, apenas um estudo com 1 a 10 participantes; seis estudos contaram com 11 a 20 participantes; dois, de 31 a 40 participantes; e três estudos contaram com mais de 41 participantes. Percebe-se que, diferentemente das pesquisas aplicadas, pesquisas básicas costumam contar com um número maior de participantes.

Tabela 7.

Medidas, forma de mensuração/registro do comportamento alvo da pesquisa aplicada

Artigos	Medidas do comportamento alvo	Instrumento de mensuração do comportamento alvo
<i>Applying acceptance, mindfulness, and values to the reduction of prejudice - A pilot study</i>	Pontuação média em questionário sobre viés racial	<i>Prejudicial biases awareness, defusion and action questionnaire</i>
<i>Behavior modification with culturally deprived school children: Two case studies</i>	Frequência dos comportamentos adequados e inadequados; Frequência dos comportamentos de interação da professora com as crianças	Observação direta
<i>Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 1</i>	Frequência do comportamento de relatar o brincar e a frequência do brincar	Observação direta
<i>Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 2</i>	Frequência do comportamento de relatar o brincar e a frequência do brincar	Observação direta
<i>Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 3</i>	Frequência do comportamento de relatar o brincar e a frequência do brincar	Observação direta
<i>Reinforced racial integration in the first grade: A study in generalization</i>	Frequência de resposta de interação	Observação direta
<i>Token reinforcement during WISC-R administration - II. Effects on mildly retarded, black students</i>	Pontuação no teste WISC-R	Teste WISC

Tabela 8.

Medidas, forma de mensuração/registo do comportamento alvo da pesquisa básica

Artigos	Medidas do comportamento alvo	Instrumento de mensuração do comportamento alvo
<i>Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes</i>	Pontuação em teste SAM e MTS	<i>SAM, IRAP e MTS Software v.11.1.3</i>
<i>Combining the implicit relational assessment procedure and the recording of event related potentials in the analysis of racial bias: A preliminary study</i>	Latência de resposta e formato das ondas cerebrais EEG Signals	<i>IRAP e BrainAmp</i>
<i>Examining the implicit relational assessment procedure: Four preliminary studies</i>	Latência de resposta	<i>IRAP</i>
<i>Exploring racial bias in a European country with a recent history of immigration of black Africans</i>	Latência de resposta no teste e avaliação do questionário	<i>IRAP, Discrimination and diversity scales, Semantic differential scales e feelings termometers</i>
<i>Exploring the reliability and convergent validity of implicit racial evaluations</i>	Latência de resposta	<i>IRAP</i>
<i>Mothers' acceptance of behavioral interventions for children: the influence of parent race and income</i>	Pontuação média em questionário	<i>TEI Scores</i>
<i>The implicit relational assessment procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: A first study 1° Experiment</i>	Latência de resposta no teste e avaliação do questionário	<i>IRAP e 4 escalas likert</i>
<i>The implicit relational assessment procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: a first study 2° Experiment</i>	Latência de resposta no teste e avaliação do questionário	<i>IRAP e 4 escalas likert</i>

*The implicit relational assessment procedure:
Exploring the impact of private versus public contexts
and the response latency criterion on pro-white and
anti-black stereotyping among white Irish individuals
1° Experiment*

Latência de resposta

IRAP, Modified modern racism scale e Likert scales

*The implicit relational assessment procedure:
Exploring the impact of private versus public contexts
and the response latency criterion on pro-white and
anti-black stereotyping among white Irish individuals
2° experiment*

Latência de resposta

IRAP, Modified modern racism scale e Likert scales

*Understanding racial attitudes through the stimulus
equivalence paradigm*

Taxa de resposta de escolha

Software MTS v.11.1.3

Seis medidas foram utilizadas para medir o comportamento alvo nas pesquisas aplicadas e básicas selecionadas: latência de resposta, frequência de respostas adequadas, frequência de respostas inadequadas, pontuação em questionário/teste, taxa de escolha e ondas cerebrais. Os trabalhos podem apresentar mais de um comportamento alvo, dessa forma, podem utilizar mais de uma medida de comportamento alvo.

Das pesquisas aplicadas selecionadas, em cinco foi utilizada como medida do comportamento alvo a frequência de respostas adequadas; em uma utilizou-se como medida a frequência de respostas inadequadas; e em duas utilizou-se a pontuação em questionários/teste. Em relação às pesquisas básicas selecionadas, em oito utilizou-se como medida a latência da resposta, em cinco, pontuação em questionários/testes; em outras duas utilizou-se a taxa de escolha (atividade e *matching to sample*); e em uma utilizou-se o padrão das ondas cerebrais dos participantes.

Em relação aos instrumentos utilizados para mensurar o comportamento alvo nos trabalhos, observa-se que nas pesquisas aplicadas tendem a usar a observação direta do comportamento (cinco das sete pesquisas, sendo elas as mesmas que utilizaram frequência de resposta como medida do comportamento). A segunda forma de mensuração utilizada nas pesquisas aplicadas foi a aplicação de testes e questionários (duas das sete pesquisas) como o teste psicológico WISC-R e Prejudicial Biases Awareness, Defusion and Action Questionnaire.

Nas pesquisas básicas, os recursos de mensuração mais utilizados foram questionários com Escala Likert (dez pesquisas) e IRAP (nove pesquisas). O Software MTS v.11.1.3 foi o terceiro recurso mais utilizado (duas pesquisas), seguido por TEI Score, SAM, *Discrimination and Diversity Scales*, *Feelings Thermometers*, *BrainAmp*, *Modified Modern Racism Scale* e *Semantic Differential Scales*.

Nota-se uma maior tendência, nos trabalhos aplicados, de se utilizar observação e escalas que são preenchidas pelo pesquisador ou pelo participante; ou seja, as formas de mensuração utilizadas nas pesquisas aplicadas costumam ser diretamente relacionadas com a emissão do comportamento de algum organismo, seja o comportamento de registro do observador, seja o relato verbal do pesquisador ou do participante no preenchimento das escalas. Já nas pesquisas básicas, apesar de também se utilizarem recursos como relato verbal no preenchimento das escalas, utilizam-se, com frequência, softwares de registro automático (eletrônico), tais como IRAP e Software MTS v.11.1.3. A diferença do tipo de instrumento utilizado para mensuração das respostas alvo em pesquisas aplicadas e em pesquisas básicas, pode estar relacionado com o período no qual as pesquisas foram realizadas. As pesquisas básicas encontradas foram realizadas, em sua maioria, após os anos 2000, o que pode indicar

acesso a novas tecnologias e facilidades de observação, mensuração e registro de comportamento.

O cálculo de integridade de aplicação da pesquisa indica quão fiel foi a aplicação do procedimento em relação ao que foi proposto, ao passo que a fidedignidade dos resultados indica quão acurado foi o registro dos dados coletados nas pesquisas. Para que a aplicação seja considerada acurada, é indicado que o resultado seja de 80% ou mais de integridade. Para que os dados registrados sejam considerados fidedignos, é necessário, também, que o resultado apresentado seja de 80% ou mais.

Das pesquisas aplicadas selecionadas, em apenas três informou-se que foi realizado o teste de integridade, e em apenas uma se informou ao leitor o resultado do teste (100% de integridade). Em relação ao teste de fidedignidade, nas mesmas três pesquisas afirmou-se que foi realizado o teste, entretanto, em nenhuma se indicou qual foi o resultado do cálculo. Das pesquisas básicas selecionadas, em nenhuma informou se foram realizados os teste de fidedignidade e de integridade.

Tabela 9.

Principais objetivos e resultados das pesquisas aplicadas selecionadas

Título	Objetivo	Resultados
<i>Applying Acceptance, Mindfulness, and Values to the Reduction of Prejudice - A pilot study</i>	Avaliar a possibilidade de uma nova abordagem para o estudo do preconceito a partir de uma nova geração de <i>mindfulness</i> e aceitação, baseadas nas terapias comportamentais e cognitivas	Apesar das limitações do estudo, foi possível apresentar formas alternativas para o estudo do preconceito racial.
<i>Behavior modification with culturally deprived school children: Two case studies</i>	A pesquisa teve como objetivo aumentar os comportamentos adequados em sala de aula e diminuir os comportamentos inadequados e inaceitáveis de duas meninas negras. Segundo objetivo foi realizar um estudo compreensivo do comportamento das professoras que são orientadas a realizar os procedimentos de modificação comportamental. Terceiro objetivo foi um sistema de registro contínuo do comportamento em contraste do registro de apenas um comportamento definido.	O procedimento aplicado foi eficaz para estabelecer e manter os comportamentos apropriados em sala de aula e diminuir os inapropriados para as duas crianças participantes
<i>Developing Correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 1</i>	Desenvolver um procedimento de treinamento que seja suficiente para produzir correspondência generalizada entre comportamento verbal e não verbal em crianças pré escolares, de maneira que o comportamento não verbal seja modificado reforçando o comportamento verbal.	Após o procedimento de reforçamento, houve correspondência no relato verbal sobre o brincar e o brincar efetivo das crianças dos dois grupos
<i>Developing Correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 2</i>	Replicação do experimento 1 apenas com o grupo A: reforçar o conteúdo da fala e depois a correspondência de maneira que a comportamento verbal poderá controlar o não verbal (usou linha de base múltipla)	Com o tempo, "dizer" que brincou levou os participantes do grupo A efetivamente "brincarem"

<i>Developing Correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children - Experimento 3</i>	Replicação do experimento 1 apenas com o grupo B: reforçar o conteúdo da fala e depois a correspondência de maneira que a comportamento verbal poderá controlar o não verbal (usou linha de base múltipla)	Reforçar o relato de brincar com pintura por vários dias levou os participantes do grupo B a efetivamente brincarem com pintura.
<i>Reinforced Racial integration in the first grade: A study in generalization</i>	Reforçar a integração de crianças negras e brancas no horário do lanche (refeitório), e medir a frequência desta aproximação no brincar em sala de aula (generalização)	Foi possível reforçar o comportamento de integração entre as crianças durante o período do lanche, entretanto, os resultados da generalização para a "sala de brincar" não foram consistentes
<i>Token Reinforcement During WISC-R Administration - II. Effects on Mildly Retarded, Black Students</i>	Descobrir quais são os efeitos de reforçar as respostas corretas no WISC-R de crianças negras "mentalmente retardadas" Experimento 1	Foram observados resultados relevantes para o grupo que utilizou reforçamento apenas nas escalas Verbais do teste. Grupo que foi reforçado com economia de fichas apresentou escores de QI maiores.

Tabela 10.

Principais objetivos e resultados das pesquisas básicas selecionadas

Título	Objetivo	Resultados
<i>Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes</i>	Investigar de uma otimização dos parâmetros de treinamento poderiam aumentar a probabilidade de emergir uma relação de equivalência entre faces negras e símbolos positivos, substituindo as relações pré experimentais de faces negras e estímulos negativos	Os 13 participantes da pesquisa passaram a responder a relação faces negras e figuras positivas após a intervenção com atividade de <i>matching to sample</i> (resposta alvo emergiu). No pós teste, após serem acrescentadas faces brancas, 9 das 13 crianças continuaram a responder a relação faces negras e figuras positivas.
<i>Combining the implicit relational assessment procedure and the recording of event related potentials in the analysis of racial bias: A preliminary study</i>	O objetivo da pesquisa foi comparar os dados das formas das ondas cerebrais registradas nos blocos anti-branco, anti-negro, pró-branco e pró-negro do teste IRAP.	Participantes apresentaram viés pró-branco e anti-negro em todos os blocos de tentativas. Ondas cerebrais associadas à relações inconsistentes com a história do participante foram mais positivas do que as ondas associadas à relações consistentes.
<i>Examining the implicit relational assessment procedure: Four preliminary studies</i>	Expandir a literatura sobre a sensibilidade a aplicabilidade do IRAP em quatro condições (temas histórica e socialmente relevantes): raça, religião, gênero e raça.	Foi possível detectar o viés em relação á raça, religião e gênero. Não foram observadas diferenças relacionadas à condição 'obesidade'.
<i>Exploring racial bias in a European country with a recent history of immigration of black Africans</i>	O objetivo da pesquisa foi uma análise de viés racial em grupos utilizando o IRAP em um contexto de participantes negros e brancos. Estudo realizado no momento de grande imigração negra para a Irlanda.	Viés anti-negro foi notificado nos resultados dos participantes brancos nas tentativas com as relações negro - negativo. Participantes negros não apresentaram viés negativo em relação á participantes brancos

<i>Exploring the reliability and convergent validity of implicit racial evaluations</i>	Examinar a confiabilidade e validade dos dados sobre viés racial do IRAP com uma amostra diversa e balanceada.	Branco apresentaram viés pró-branco e não anti-negro, enquanto negros apresentaram viés pró-negro e não anti-branco. Participantes do grupo outros apresentaram dados mesclados com os grupos brancos e negros. IRAP apresentou dados comparáveis e adicionais ao IAT.
<i>Mothers' acceptance of behavioral interventions for children: the influence of parents race and income</i>	Avaliar os efeitos da raça e renda na taxa de aceitação das mães para 5 diferentes manejos de intervenção infantil	As mães avaliaram melhor as intervenções relacionadas à custo de resposta e reforçamento. Mães de baixa renda e classe média diferiram em relação à aceitação das intervenções.
<i>The implicit relational assessment procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: a first study - Experimento 1</i>	Com participantes irlandeses1) determinar se o IRAP pode ser usado para identificar atitudes socialmente sensíveis que podem ser facilmente camufladas quando usada uma medida direta. 2) determinar se o IRAP pode ser usado para avaliar crenças que envolvem relações comparativas	Os resultados não foram de acordo com as previsões feitas pelos pesquisadores. Os participantes responderam mais rápido às opções "mais parecido" do que "menos parecido", ou seja, ficaram mais sob controle destas variáveis do que da nacionalidade.
<i>The implicit relational assessment procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: a first study- Experimento 2</i>	Com participantes americanos - irlandeses1) determinar se o IRAP pode ser usado para identificar atitudes socialmente sensíveis que podem ser facilmente camufladas quando usada uma medida direta. 2) determinar se o IRAP pode ser usado para avaliar crenças que envolvem relações comparativas	Os dados do IRAP foram de acordo com as previsões baseadas nas similaridades sociais dos estímulos, entretanto, divergiram dos resultados de preferência apresentadas na escala Likert.
<i>The implicit relational assessment procedure: exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-white and anti-black stereotyping among white Irish individuals - Experimento 1</i>	Avaliar os estereótipos implícitos pró-brancos e anti-negros em irlandeses brancos, em um contexto público e privado	Contextos público/privado não apresentaram impactos significante no responder dos participantes no teste.
<i>The implicit relational assessment procedure: Exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-</i>	Avaliar o efeito de um período de latência de responder menor para a identificação de viés racial no IRAP	Tempo menor de latência (2 segundos) foi mais eficaz para identificar o viés racial dos participantes.

*white and anti- black stereotyping among white Irish
individuals - Experimento 2*

*Understanding racial attitudes through the stimulus
equivalence paradigm*

Examinar a interferência da história pré-experimental sobre atitudes raciais em crianças. Foram ensinadas discriminações condicionais envolvendo símbolos positivos e símbolos abstratos, e símbolos abstratos e figuras de homens negros. Era esperado que emergisse a relação homens negros e símbolo positivo.

Um dos participantes apresentou reversão da forte relação entre estímulos negativos e faces negras. Dois participantes não apresentaram reversão das relações entre símbolos negativos e faces negras no pós teste; esses participantes também não foram expostos a um excesso de treino. Três participantes aprenderam as novas relações durante o treino, mas não reverteram o padrão no pós teste.

Seguindo as indicações de Baer, Wolf e Risley (1968), é aconselhável que os pesquisadores em análise do comportamento aplicada se preocupem com o critério de generalização dos seus resultados, ou seja, se os resultados alcançados com a intervenção duram no tempo, se aparecem em ambientes diferentes daqueles em que o comportamento foi diretamente treinado e se são generalizados para outros comportamentos relacionados ao comportamento alvo da intervenção.

Das pesquisas aplicadas selecionadas, em uma se testou a generalização dos resultados em um ambiente diferente daqueles em que o comportamento havia sido treinado na fase de intervenção. Hauserman, Walen e Behling (1973) reforçaram o comportamento de sentar com um colega novo durante o horário do lanche no refeitório de uma escola (reforçou a integração de crianças negras na turma), e mediram se o comportamento estabelecido se manteria na sala de aula. Os resultados apontaram que não houve generalização para um novo ambiente, ou seja, apesar de ficarem próximas de crianças diferentes no momento do lanche, as crianças não apresentaram o mesmo comportamento na sala de aula.

Os três experimentos apresentados por Risley e Hart (1968) tiveram como objetivo produzir correspondência entre o comportamento verbal e o não verbal de crianças pré-escolares. A generalização dos resultados foi testada nos três experimentos com diferentes comportamentos de brincar (brincar com blocos, livros, pintura entre outros), e foi demonstrado que o treino realizado foi eficaz para produzir a resposta alvo na presença de outros estímulos que não foram diretamente treinados. As demais três pesquisas aplicadas não apresentaram dados sobre a generalização dos resultados.

Dos seis trabalhos não empíricos encontrados, dois se enquadram na categoria Revisão de Literatura e são aqui analisados com base nas seguintes variáveis: objetivo do trabalho; palavras de busca utilizadas; periódicos pesquisados; plataforma de dados utilizadas; idioma no qual a pesquisa foi publicada e o período abrangido na busca.

O trabalho de Mizael, Gomes e Silva (2019), teve como objetivo analisar as pesquisas em Análise do Comportamento sobre a temática racial de maneira a justificar os estudos na área, elencar estudos e propor novas investigações. O trabalho de Matsuda, Garcia, Catagnus e Brandt (2020) teve como objetivo propor formas pelas quais a comunidade científica possa compreender o racismo através de uma perspectiva comportamental, estendendo-se de uma análise experimental do preconceito até intervenções para reduzir o racismo em variados contextos.

Ambos os trabalhos tiveram como preocupação identificar as produções já existentes em Análise do Comportamento sobre a temática racial e propor novas intervenções com base

no que foi identificado. Esses objetivos dos trabalhos de revisão de literatura podem indicar o patamar em que se encontram as pesquisas e as propostas de atuação da Análise do Comportamento sobre a temática racial estão. Nota-se que o montante de trabalhos produzidos é pequeno, e que os trabalhos de revisão selecionados buscam organizar as informações já coletadas e indicar um possível direcionamento para os estudos futuros.

Ambos os trabalhos apresentam o tema como relevante e destacam que ele deve ser de interesse de estudo e de intervenção do analista do comportamento. A Teoria das Molduras Relacionais (*Relational Frame Theory* - RFT), o Paradigma de Equivalência de Estímulos, o estudo da cultura por meio de metacontingência e macrocontingência, análise funcional do preconceito e *Acceptance and Commitment Therapy* (ACT) são algumas das abordagens/conceitos indicados pelos autores como promissoras em relação ao tema Análise do Comportamento e negritude.

Tabela 11.

Trabalhos de revisão de literatura selecionados, palavras-chave e operadores booleanos utilizados, meio de busca utilizados

Título	Autor	Meio de busca	Operadores booleanos		Palavras de busca em comum entre os dois autores
			Or	And seguido de Or	
			<i>Analysis of verbal behavior</i>	<i>Racism</i>	<i>Racism</i>
			<i>The behavior analyst</i>	Racial	Racial
			<i>Behavior and philosophy</i>	<i>Bias</i>	<i>Prejudice</i>
			<i>Journal of applied Behavior analysis</i>	<i>Prejudice</i>	<i>Black</i>
<i>Can behavior analysis help us understand and reduce racism? A review of the current literature</i>	Kozue Matsuda, Yors Garcia, Robyn Catagnus e Julie Ackerlund Brandt	Plataforma PsycInfo	<i>Journal of organizational Behavior management</i>	<i>Stigma</i>	-
			<i>Behavior modification</i>	<i>Ethnicity</i>	-
			<i>Journal of experimental Analysis of behavior</i>	<i>Black</i>	-
			<i>Behavior and social issues</i>	<i>White</i>	-
			<i>The behavior analyst today</i>	<i>Latin</i>	-

			<i>Behavior analysis in practice</i>	-	-
			<i>The psychological record</i>	-	-
			<i>Behavioral interventions</i>	-	-
			Racismo	-	-
			Preconceito Racial	-	-
			Discriminação Racial	-	-
			Negro	-	-
			Preconceito racial	-	-
			Racial	-	-
			<i>Racism</i>	-	-
			<i>Racial prejudice</i>	-	-
			<i>Racial discrimination</i>	-	-
Negritude e análise do comportamento: Publicações, relevância e caminhos para seu estudo	Táhcita Medrado Mizael, Ariane Rico Gomes e Gabriela Jheniffer Teixeira Silva	Revistas: Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva (RBTCC), Revista brasileira de análise do comportamento (REBAC) e Revista perspectivas em análise do comportamento. Revistas Internacionais: The psychological record, Acta comportamentalia, Journal of contextual Behavioral science, Journal of applied behavior analysis, Behavior and social issues, Journal of the experimental analysis of behavior, The analysis of verbal behavior e Behavior analysis: Research and practice.			

Black

-

-

-

-

Afro-american

No trabalho de Mizael, Gomes e Silva (2019) onze palavras de busca foram utilizadas na revisão de literatura, enquanto no trabalho de Matsuda, Garcia, Catagnus e Brandt (2020) foram utilizadas 21 palavras de busca. A grande diferença na quantidade de palavras de busca pode ocorrer devido às diferentes formas de busca utilizada. Enquanto Matsuda, Garcia, Catagnus e Brandt (2020) utilizaram o banco de dados do PsycInfo para realizar sua busca, Mizael, Gomes e Silva (2019) realizaram a busca diretamente nas revistas de Análise do Comportamento brasileiras e internacionais.

Mizael, Gomes e Silva (2019) realizaram a busca em três revistas de Análise do Comportamento nacionais, sendo elas: Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC), Revista Brasileira de Análise do Comportamento (REBAC) e Revista Perspectivas em Análise do Comportamento. Nove revistas internacionais foram consultadas, sendo elas The Psychological Record, Acta Comportamentalia, Journal of Contextual Behavioral Science, Journal of Applied Behavior Analysis, Behavior and Social Issues, Journal of the Experimental Analysis of Behavior, The Analysis of Verbal Behavior e Behavior Analysis: Research and Practice.

Racial, Racism, Prejudice e Black foram as palavras de busca que aparecem em ambas as pesquisas, indicando serem estas as palavras-chave mais relevantes para estarem nas pesquisas sobre Negritude e Análise do Comportamento.

No trabalho de Matsuda, Garcia, Catagnus e Brandt (2020) realizou-se a busca com uma delimitação de um período de 30 anos (1990 a 2020). No trabalho de Mizael, Gomes e Silva (2019) não houve um limite de um período, sendo que o trabalho mais antigo encontrado data de 1973 e o mais recente, de 2017.

Ambas as pesquisas contaram com buscas no idioma inglês e apenas a pesquisa de Mizael, Gomes e Silva (2019) contou com buscas também no idioma português. Nessa pesquisa encontrou um total de dez trabalhos, e, apesar de dois artigos terem como autores pesquisadores brasileiros, apenas um trabalho estava em português. Esse dado pode apontar para uma preferência em relação ao idioma no qual as pesquisas são publicadas, podendo indicar que pesquisas em inglês conseguem maior projeção e alcance.

A maior parcela dos trabalhos sobre negritude e Análise do Comportamento encontrados nos estudos de revisão, incluindo a presente pesquisa, estão no idioma inglês. Este fato pode representar uma barreira para analistas do comportamento e demais pesquisadores brasileiros interessados na temática e em se capacitar para prestar serviços a essa população, e que não possuem um domínio da língua inglesa. É de grande importância que haja um movimento de

tradução desses trabalhos para o idioma português, tornando o acesso à este conhecimento mais democrático.

Entre os trabalhos selecionados, foi encontrado apenas um trabalho que se enquadra na categoria documental. O trabalho foi realizado por Yingling, Hock e Belt (2017) e teve como objetivo avaliar a relação entre o atraso no início de uma intervenção comportamental intensiva para indivíduos com diagnóstico de TEA e variáveis demográficas: a raça da criança; pobreza, riqueza, composição racial e urbanização da vizinhança.

Foram avaliados os dados dos cadastros administrativos dessas crianças no sistema do Medicaid e foram feitos os cruzamentos de informações para a análise dos dados. Houve grande variedade nos dados considerou-se que e as variáveis estudadas não foram relevantes para a determinação do atraso entre o diagnóstico e o início do tratamento.

Não foram encontradas outras pesquisas que relacionassem a raça dos participantes e o atraso para o início da intervenção intensiva em indivíduos com TEA. Pesquisas com esse caráter ajudam o analista do comportamento a entender as limitações de acesso ao seu serviço, assim como variáveis externas à intervenção que podem afetar a efetividade dos trabalhos desenvolvidos. É relevante que seja feita a replicação deste trabalho em um contexto brasileiro, a fim de se compreender as possíveis dificuldades e limitações que a população negra pode estar enfrentando no acesso ao tratamento analítico comportamental para crianças com TEA.

Tabela 12.

Dados dos ensaios encontrados: título, objetivo, ano e país de publicação

Título	Objetivo	Ano	País
<i>Cultural diversity: A wake-up call for parent training</i>	1) Apresentar a importância de terapeutas comportamentais começarem a ser sensíveis e estudar os contextos culturais nos quais as famílias de orientação parental vivem; Apresentar um breve resumo de contextos culturais de parentalidade de 4 diferentes grupos étnicos; Discutir contribuições e barreiras que os diversos contextos culturais trazem para a orientação parental.	1996	Nova Zelândia
<i>Combating everyday racial discrimination without assuming racists or racism: New intervention ideas from a contextual analysis</i>	Propor novas formas de intervenção contra a discriminação racial diária analisando intervenções específicas e localizadas.	2005	Estados Unidos
Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios	Realizar um estudo interpretativo sobre o preconceito racial, baseado nos pressupostos e achados experimentais analítico-comportamentais sobre este fenômeno e temas a ele relacionados	2017	Brasil

No total foram encontrados três trabalhos teóricos no formato ensaio, sendo que um foi produzido no Brasil, um nos Estados Unidos e um na Nova Zelândia. Desses trabalhos, dois versavam sobre preconceito racial, abordando aspectos relativos a como a Análise do Comportamento pode contribuir para o estudo do tema e propor intervenções. O terceiro trabalho versa sobre o impacto da diversidade cultural no trabalho de orientação de pais.

O trabalho de Mizael e de Rose (2017) teve como objetivo realizar um estudo interpretativo sobre o preconceito racial, baseado nos pressupostos e nos achados experimentais analítico-comportamentais sobre esse fenômeno e sobre temas a ele relacionados. Os autores apontam algumas possíveis contribuições da Análise do Comportamento que poderiam auxiliar na compreensão do preconceito racial, tais como uma análise do comportamento verbal, entendendo que o que é chamado de “atitude” é um comportamento verbal, e pode ser analisado pelo prisma dos operantes verbais (tato, mando entre outros). Uma segunda possibilidade de análise apresentada pelos autores traz o paradigma de equivalência como alternativa para o estudo em laboratório de comportamentos simbólicos, tal como o preconceito racial. A Teoria das Molduras Relacionais (RFT) e a Transferência de função dos estímulos são outros caminhos apontados pelos autores como possibilidades de estudo do preconceito racial desenvolvidas dentro da Análise do Comportamento.

Mizael e de Rose apontam como os preceitos da Análise do Comportamento podem ser úteis para o estudo do preconceito, e podem colaborar com a discussão já conduzida por outras áreas, como por exemplo a psicologia social. Os autores apontam o estudo da cultura como sendo mais uma alternativa possível para a Análise do Comportamento contribuir com intervenções para a redução do preconceito racial.

Guerin (2005) realizou um trabalho cujo objetivo era propor novas formas de intervenção contra a discriminação racial do dia a dia com base em intervenções localizadas e diárias. Guerin aponta que descrever alguém ou alguma situação como “racista” não ajuda na compreensão do fenômeno, não sendo útil para contribuir com alguma forma de intervenção para a redução da discriminação racial. Segundo esse autor, o conceito de racismo é vago e abstrato, não direciona o olhar para as ações específicas sobre as quais devemos intervir. Postula que dessa forma o racismo pode aparecer como algo “interno” ao indivíduo, sem o devido foco para as contingências sociais e culturais que mantêm os comportamentos considerados racistas.

Guerin (2005) apresenta algumas propostas para análise funcional dos comportamentos racistas. Indica que futuras pesquisas que tiverem como objetivo tratar o assunto da discriminação racial, evitem o uso de concepções gerais, passem mais tempo documentando os

contextos sociais nos quais as respostas racistas acontecem e incorporem novas formas metodologicamente eficazes de documentação desses eventos.

Forehand e Kotchick (1996) enfatizam a importância de terapeutas comportamentais serem sensíveis a contextos sociais no momento em que estudam e realizam orientações parentais. Esses autores apresentam uma crítica à postura adotada por diversos terapeutas de ignorar as diferenças étnicas e culturais de seus clientes, acreditando que a teoria escolhida para intervenção seja suficiente para se realizar uma boa análise do caso. São apresentadas algumas características e valores de parentalidade de quatro grupos étnicos diferentes (pais afro-americanos, pais latinos, pais nipo-americanos e nativo americanos) e indicado que, as orientações dadas aos pais que levem em conta esses valores têm maior probabilidade de serem seguidas.

4 Considerações Finais

Foi realizada a busca de trabalhos que tratassem de temas pertinentes à Análise do Comportamento e questões raciais voltadas para a negritude. No total, foram analisados 24 trabalhos que se enquadraram dentro dos critérios estabelecidos.

Com base nas análises realizadas, foi possível identificar algumas características e tendências marcantes da área. Nota-se a presença feminina relevante na produção dos trabalhos sobre Análise do Comportamento e negritude, apontando que, apesar dos obstáculos estruturais que mulheres encontram ao trilharem o caminho acadêmico, muitas têm conseguido conquistar esse espaço e produzir conhecimento em Análise do Comportamento.

Em relação às diferentes raças dos autores, diversamente da comparação entre os gêneros, verifica-se a desigualdade quanto ao acesso à academia, refletido na proporção de estudos produzidos por autores brancos e não brancos. No total, de 51 autores (as) encontrados (as), apenas três puderam ser classificadas como negras. Sabe-se que, dentro da vivência de Maafa, a dificuldade de acesso à educação é uma realidade e, apesar de no Brasil a população negra representar a maioria, assim como em outros lugares do mundo representa a minoria nos espaços acadêmicos, sendo ainda menor essa porcentagem quando se compara, além da graduação, os níveis de mestrado e doutorado.

O processo de formação em Análise do Comportamento não está isento de fazer parte da lógica excludente da academia. Dessa forma, é imprescindível que a comunidade de analistas do comportamento desenvolva maneiras de tornar a esse conhecimento mais acessível para diferentes populações. É possível que, com uma população de pesquisadores mais diversa,

novos campos da ciência sejam explorados e desenvolvidos, trazendo benefício não apenas para a análise do comportamento, mas para a população como um todo.

O incentivo a políticas de inclusão e de permanência nos espaços acadêmicos pode ser uma alternativa para o aumento de pesquisadoras e pesquisadores negros em Análise do Comportamento. É importante notar que as três autoras negras encontradas nos trabalhos analisados são brasileiras. Tal dado aponta para a importância do fomento à ciência no Brasil, indicando que, apesar da atual desigualdade de acesso à educação pela população negra, esse país latino-americano é um campo promissor para uma ciência pluriversal.

Para assumir uma postura anti-racista, é importante que a comunidade de analistas do comportamento incentive também a presença de autores negros que trabalhem com outros temas para além de questões raciais. Deve-se entender que essa é uma população diversa, com uma gama de conhecimentos nas mais diferentes áreas e com um histórico de vida muitas vezes diferente da história de vida da hegemonia de pesquisadores que hoje forma a academia, o que trará um novo olhar e novas possibilidades de atuação na área.

Em relação aos países de origem dos trabalhos encontrados, os Estados Unidos aparecem como grande destaque em número total de textos produzidos. Uma característica encontrada é que a produção desses trabalhos é descentralizada, sendo que a maioria das universidades americanas que aparecem na revisão publicou apenas um trabalho, não revelando continuidade no estudo do tema. As produções brasileiras, por outro lado, aparecem centralizadas na Universidade Federal de São Carlos, demonstrando continuidade no estudo do assunto.

Além dos EUA, a Irlanda e a Nova Zelândia aparecem como países de língua inglesa que publicaram estudos sobre a temática racial. Bélgica e Brasil, apesar de não terem o inglês como língua matriz, também tiveram publicações em inglês. Não foram encontradas publicações em espanhol (idioma principal dos países da América Latina).

Os idiomas dos trabalhos encontrados revelam quais conhecimentos são mais prováveis de serem validados e publicados. Faustino (2018), ao apresentar uma discussão da obra de Frantz Fanon, um psicanalista negro martinicano que discutia questões raciais, enfatiza a importância da linguagem (língua falada) nas estruturas de poder da sociedade ocidental. Segundo Faustino, Fanon enfatiza como o domínio de idiomas dos colonizadores (inglês, francês e castelhano) torna o sujeito mais próximo de ser considerado humano, alguém digno de valor. Para quebrar essa lógica e democratizar o acesso às produções em Análise do Comportamento sobre a questão racial, deve-se não apenas traduzir o material já produzido em outros países que não o Brasil, mas também incentivar a produção de conhecimento sobre a

temática dentro do território brasileiro, tendo sua população como objeto de estudo e produtora de conhecimento.

Em relação aos tipos de estudo, verifica-se que os trabalhos de pesquisa básica representam a maior parcela dos estudos encontrados, assim como representam os trabalhos mais recentes da área. As pesquisas básicas, quando comparadas com as pesquisas aplicadas, contaram também com um maior número de participantes e de raças variadas. Esse dado indica a atual tendência dos estudos relacionados à negritude dentro da Análise do Comportamento: estão sendo aplicados esforços para o aumento do conhecimento sobre processos básicos de comportamentos considerados racistas/com viés racial.

Não foram encontrados trabalhos que extrapolassem os dados produzidos no ambiente controlado das pesquisas básicas para o ambiente social natural dos indivíduos. Para futuras pesquisas, seria importante a replicação dos trabalhos já desenvolvidos com diferentes populações em diferentes ambientes, a fim avaliar a aplicabilidade dos métodos e das considerações teóricas desenvolvidos até o momento.

O estudo da negritude com base em preceitos da Análise do Comportamento é uma área que, a pequenos passos, vêm avançando ao longo dos últimos anos. Outros campos de conhecimento, como a Psicanálise e a Psicologia Social, já estão avançados quanto à discussão sobre raça e, mais especificamente, sobre a população negra. Institutos como Amma Psique (Psicanálise) e Instituto Sankofa de Psicologia (Psicologia Africana) são hoje locais de referência no que diz respeito à saúde mental da população negra. Ao fazer parte da discussão sobre raça, a Análise do Comportamento poderá contribuir para o desenvolvimento de técnicas e de maneiras de compreensão não internalista da e para a população negra, enriquecendo a discussão já existente e propondo formas alternativas para a promoção da equidade e da justiça racial.

5 Referências

- Adams, C. H., Luoma, J. B., Weinstein, J. H. (2010). Examining the Implicit Relational Assessment Procedure: Four Preliminary Studies. *The Psychological Record*, 60,81-86.
- Aguiar, M. M. (2007). A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, (36-37), 83-88.
- Baer, D. M., Wolf, M. M., Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1 (1), 91-97.
- Bandeira, L., Batista, A. S. (2002) Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista Estudos Feministas*, 10, 119- 141
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Power, P., Hayden, E., Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you really know what you believe? Developing the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychologist*, 32, 169–177.
- Barnes-Holmes, D., Dawson, D. L., Gresswell, D. M., Gore, N. J. (2009). Assessing the implicit beliefs of sexual offenders using the Implicit Relational Assessment Procedure. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 21 (1), 57-75.
- Barnes-Holmes, D., Murtagh, L., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I. (2010). Using the Implicit Association Test and the Implicit Relational Assessment Procedure to measure attitudes towards meat and vegetables in vegetarians and meat-eaters. *The Psychological Record*, 60, 287-306.
- Barnes-Holmes, D., Murphy, A., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I., (2010). The Implicit Relational Assessment Procedure: Exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-white and anti-black stereotyping among white Irish individuals. *The Psychological Record*, 60, 57-80.
- Briggs, H. E., & Paulson, R. I. (1996). Racism. In M. A. Mattaini & B. A. Thyer (Eds.), *Finding solutions to social problems: Behavioral strategies for change* (p. 147–177). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10217-006>
- Casteleira, R. P., Maio, E. R. Gênero, volte para o armário! Discurso religioso, gênero e modelagem de comportamento. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 12(1), 243-257.
- Campos, L. A. (2017). Racismo em três dimensões: Uma abordagem realista-crítica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32 (95), 1-19.
- Carvalho, M. P., de Rose, J. (2014). Understanding racial attitudes through the stimulus equivalence paradigm. *The Psychological Record*, 64 (3), 527-536.
- Coelho, W. N. B., Silva, C. A. F. (2015) Preconceito, discriminação e sociabilidade na escola. *Revista de Educação*. 10 (20), 687-705.
- Costa, A. B., Nardi, H. C. (2015). Homofobia e Preconceito contra a Diversidade Sexual: *Debate Conceitual. Temas em Psicologia*, 23 (3), 715-726.

- Couto, A. G., Dittrich, A. (2017). Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. *Revista Perspectivas*, 8 (2), 147-158.
- Drake C. E., Kellum K. K., Wilson K. G., Luoma J. B., Weinstein J. H., & Adams C. H., (2010). Examining the Implicit Relational Assessment Procedure: Four Preliminary Studies. *The Psychological Record*, 60, 81–100.
- Drake C. E., Kramer S., Sain T., Swiatek R., Kohn K., & Murphy M., (2015). Exploring the Reliability and Convergent Validity of Implicit Racial Evaluations. *Behavior and Social Issues*, 24 (1), 68-87.
- Faustino, D. M. (2018). *Frantz Fanon: Um revolucionário particularmente negro*. (1a ed.). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.
- Fong, E. H., Tanaka, S. (2013). Multicultural Alliance of Behavior Analysis Standards for Cultural Competence in Behavior Analysis. *International Journal of Behavior Consultation and Therapy*, 8 (2), 17-19.
- Forehand R., Kotchick B. A., (1996). Cultural Diversity: A Wake-Up Call for Parent Training. *Behavior Therapy*, 27(2), 187–206.
- Freitas, J. C. C., Morais, A. O. (2019). Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamental*, 27 (1), 109-126.
- Guerin B., (2005). Combating Everyday Racial Discrimination without Assuming Racists or Racism: New Intervention Ideas from a Contextual Analysis. *Behavior and Social Issues*, 14, 46–71.
- Guimarães, A. S. A. (1999). Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, (54), 147-156.
- Guimarães, A. S. A. (2004). Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de antropologia*. 47 (1), 9-43.
- Guimarães, A. S. A. (2010). Sociologia e desigualdades: desafios e abordagens brasileiros. In Horizontes das ciências sociais no Brasil: sociologia. São Paulo: ANPOCS.
- Guimarães, A. S. A. (2011). Raça, cor, cor da pele e etnia. *Cadernos de Campo*. (20), 256-271.
- Hauserman, N., Walen S. R., & Behling, M. (1973). Reinforced Racial integration in the first grade: A study in generalization. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 6 (2), 193–200. DOI: 10.1901/jaba.1973.6-193
- Heffer R. W., Kelley M. L., (1987). Mothers' acceptance of behavioral interventions for children: The influence of parent race and income. *Behavior Therapy*, 18 (2), 153-163
- Hofbauer, A. (2003). O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX - bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, 42 e 43, 63-110.
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11 (1), 163-174.

- Holland, J. G. (2016). Os princípios comportamentais servem para os revolucionários? *Revista Brasileira de terapia Cognitivo Comportamental*, 18, 104-117. (Original publicado em 1974).
- Iwamasa, G. Y. (1997). Behavior Therapy and a Culturally Diverse Society: Forging an Alliance. *Behavior Therapy*, 28, 347-358.
- Johnson C. M., Johnson S. B., & McCarthy R., & Jamie M. (1984). Token Reinforcement During WISC-R Administration - II. Effects on Mildly Retarded, Black Students. *Applied Research in Mental Retardation*, 5 (1), 43-52.
- Lillis J., & Hayes S. C., (2007). Applying Acceptance, Mindfulness, and Values to the Reduction of Prejudice - A pilot study. *Behavior Modification*, 31 (4), 389-411. DOI: 10.1177/0145445506298413
- Manuel, D. F. F. P., Silva, M. V., Oliveira, R. F. T (2019). A origem do preconceito. *Revista Científica Universitas*, 6 (1), 75-80.
- Matsuda K., Garcia Y., Catagnus R., & Brandt J. A., (2020). Can Behavior Analysis Help Us Understand and Reduce Racism? A review of the Current Literature. *Behavior Analysis in Practice*, 13, 336-347
- Mizael T. M., Almeida J. H., Silveira C. C., & Rose J., (2016). Changing Racial Bias by Transfer of Functions in Equivalence Classes. *The Psychological record*, 66 (3), 451-462.
- Mizael, T. M., de Rose, J. C., (2017). Análise do Comportamento e Preconceito Racial: Possibilidades de Interpretação e Desafios. *Acta Comportamentalia*, 25 (3), 365-377.
- Mizael T. M., Gomes A. R., & Silva G. J. T., (2019). Negritude e Análise do Comportamento: Publicações, relevância e caminhos para seu estudo. *Comportamento em Foco*, 9, 120-135.
- Mizael, T. M., de Almeida, J. H. (2019). Revisão de estudos do Implicit Relational Assessment Procedure sobre vieses raciais. *Acta Comportamentalia*, 27 (4), 437-461.
- Mizael, T. M., Sampaio, A. A. S. (2019). Racismo institucional: Aspectos comportamentais e culturais da abordagem policial. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 215-231.
- Moreira, L. M. A, (2011). Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade. Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual, (pp, 113-123). Salvador, BA. SciELO Books.
- Munanga, K. (2003, 05 de novembro). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação PENESB-RJ, Rio de Janeiro, Brasil.
- Nascimento, G. (2018). O negro na ciência brasileira contemporânea através de duas amostras. *Revista Espaço Acadêmico*, (206), 110-123.
- Nicholson, E., Barnes-Holmes, D.,(2012). The Implicit Relational Assessment Procedures (IRAP) as a measure of spider fear. *The Psychological Record*, 62, 263-287.

- Njeri, A (2019). Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na Maafa. *Revista Sul-Americana de filosofia e Educação (RESAFE)*, (31), 4-17. <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253>.
- Njeri A., (2020). A escola acende o Sol da humanidade? Recuperado de <https://www.gabyhaviaras.com/blog-ponto-posts/https/wwwgabyhaviarascom-/-blog-page-url-/-2018/2/23-/-new-post-titlea-escola-acende-o-sol-da-humanidade>
- Pereira, C. R., Vala, J. (2010). Do preconceito à discriminação. In mind. Português- Psicologia Social para si. 1 (2-3), 1-13.
- Power P., Harte C., Holmes B. D., & Homes B. Y., (2017). Combining the Implicit Relational Assessment Procedure and the Recording of Event Related Potentials in the Analysis of Racial Bias: a Preliminary Study. *The Psychological Record* , 67, 499–506.
- Power P., Harte C., Holmes B. D., & Homes B. Y., (2017). Exploring Racial Bias in a European Country with a Recent History of Immigration of Black Africans. *The Psychological Record*, 67, 365–375.
- Power P., Holmes B. D., Homes B. Y., & Stewart I., (2009). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a Measure of Implicit Relative Preferences: A First Study. *The Psychological Record*, 59, 621–640.
- Rabelo, L. Z., Bortoloti, R., Souza, D. H. (2014). Dolls are for girls and not for boys: Evaluating the appropriateness of the Implicit Relational Assessment Procedure for School-Age children. *Psychology Record*, 64 (1).
- Risley T. R., & Hart B., (1968). Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1 (4), 267–281.
- Saad, S. N., (2003). Preparando o caminho da inclusão: Dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 9 (1), 57-78.
- Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: A feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 4, 7-19.
- Silva, S. G. (2010). Preconceito e discriminação: Bases da violência contra a mulher. *Psicologia ciência e profissão*, 30 (3), 556-571.
- Silva, G. J. T., Arantes, A. (2019). Pioneiras: A história das primeiras mulheres na análise do comportamento no Brasil. Em R. Leite (Ed.), *Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento* (pp. 16-39). Fortaleza, CE; Imagine Publicações.
- Skinner, B.F. (2002.) *Beyond Freedom and Dignity*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company. (Original publicado em 1971)
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano*. (J. C. Todorov, R. Azzi, trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2009). *Sobre o Behaviorismo*. (M. P. Villalobos, trad.). Editora Cultrix São Paulo. (Original publicado em 1974).

- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se Negro*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Stroebe, W., Insko, C. A. (1989). Stereotype, Prejudice, and Discrimination: Changing Conceptions in Theory and Research. In D. Bar-Tal, C. F. Graumann, A. W. Kruglanski, W. Stroebe (Eds.), *Stereotype, Prejudice, and Discrimination: Changing Conceptions*. (Spring and Science + Business Media New York.
- Tokarnia M., (2015). Negros representam 28,9% dos alunos da pós-graduação. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-05/negros-representam-289-dos-alunos-da-pos-graduacao>
- Wasik B. H., Senn K., Welch R. H., & Cooper B. R., (1969). Behavior modification with culturally deprived school children: Two case studies. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 2 (3), 181–194.
- Yingling M. E., Hock R. M., & Belt B. A., (2018). Time-Lag Between Diagnosis of Autism Spectrum Disorder and Onset of Publicly-Funded Early Intensive Behavioral Intervention: Do Race-Ethnicity and Neighborhood Matter?. *Journal of Autism Development Disorder*, 48(2), 561-571.